O MALHO
ANNO XXXV
NUMERO 143
27-Fevereiro-1936
Preço 1$200
paulo amaral

O MALHO
Propriedade da S. A. O MALHO
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Assignaturas: Annual . . . . . . 60$000 / Semestral . . . . . 30$000
Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34
Teleph. 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880
RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

DÊ UMA FORCINHA
Conto de Mario Sette — Illustração de Théo

FLORES . . .
Chronica de Leonor Posada — Illustração de Fragusto

AMOR FATAL
Poesia de Luis Peixoto — Illustração de P. Amaral

MODAS DO SECULO
Chronica de Di Cavalcanti — Illustração de Noemia

OS PASSAGEIROS DO MEU BOND
Conto de Henrique Machado Illustração de Berto

MALHADO
Chronica de Aurelio Pinheiro — Illustração de Luiz Gonzaga

O POEMA DAS MÃOS
Poesia de Maura de Oliveira Brasil — Illustração de Aloysio

SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA

DE TUDO UM POUCO
Por Sorcière

PARA A GALERIA DOS "FANS"
Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA
Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que ... — Carta enigmatica e palavras cruzadas — Caixa d'O MALHO.

Manancial de Energia

E' notorio que os intellectuaes, isto é, os homens que consomem suas forças na banca do trabalho mental, dia e noite, envelhecem mui precocemente; suas feições decahem como si se achassem em edade alcançada; perdem o animo para todas as funcções da vida; tornam-se uns vencidos...

Mas, não é com remedios que se cura essa classe de enfermos, mesmo porque, propriamente, não se trata de doentes, senão apenas de individuos que têm esgotadas as cellulas do cerebro e da medulla. Tanto isso é certo, que, para reconduzil-os ao bom estado de saude, basta nutrir-lhes de novo aquellas cellulas.

Em semelhante emergencia, o preparado allemão Biocitin representa o ideal, porque, tendo por base a lecithina physiologicamente pura, transmitte áquelles minusculos orgãos o seu verdadeiro alimento. Biocitin é, pois, o authentico restaurador das energias gastas nas penosas vigilias intellectuaes, porque Biocitin é um manancial de energia.

Biocitin está á venda em todas as Drogarias e Pharmacias.

CONCURSO ALBUM DE ARTE E LITERATURA

Tem o numero 16 o *coupon* que vae ao pé desta pagina, correspondendo a uma bellissima chronica de Heitor Moniz, intitulada

"Quando a mulher deixou de ser boneca", illustrada por Cortez com muito gosto artistico. Esse *coupon* deverá ser collado no seu logar, no mappa, conforme as instrucções fartamente divulgadas em nossos numeros anteriores.

O "COUPON" N. 17

O *coupon* n. 17, que vem a seguir, apparecerá no proximo numero de MODA E BORDADO, o grande mensario especialisado em assumptos do lar e da mulher, correspondente ao mez de Março.

Corresponder-lhe-á uma pagina artistica e cheia de sentimento, de Cecilia Meirelles, com illustração de Corrêa Dias.

OS PREMIOS DESTE CONCURSO PODEM SER EXAMINADOS

Qualquer concurrente que desejar, poderá examinar os magnificos premios que se destinam ao sorteio deste certamen, a ser realisado depois de apparecerem todos os *coupons* e todas as paginas em O MALHO e MODA E BORDADO.

Assim, por exemplo, esta bonita e util machina de escrever portatil marca "Corona", cuja photographia reproduzimos, está á disposição do leitor para ser vista e mesmo experimentada na casa onde adquirimol-a, Byington & Cia., Rua S. Pedro, 68/70, que é a distribuidora desta esplendida marca "Corona".

Heitor Moniz, que escreveu a interessante pagina desta semana do "ALBUM DE ARTE E LITERATURA", nasceu na cidade de São Salvador, na Bahia, em 1906, e é filho do antigo politico bahiano Dr. Antonio Moniz, que foi governador daquelle Estado. Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e desde muito joven se vem dedicando ao cultivo das bellas letras.

Jornalista, além de collaborar em varios orgãos da imprensa do paiz, é redactor do "Correio da Manhã" e de "A Noite", desta capital.

Apesar dessa actividade jornalistica e de ser chefe da secção de publicidade do Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio, Heitor Moniz ainda encontra tempo sufficiente para dedicar á confecção de seus livros, que se contam já por elevado numero, destacando-se: "O 2º Reinado", "O Brasil de Hontem", "Amores Historicos", No Tempo da Monarchia", "A Côrte de D. Pedro II" "Aspectos da Historia Brasileira" "Vultos da Literatura Brasileira" "Não casarás" e "Theatro da Vida". Sua preferencia, como se vê, é para os assumptos historicos. Tambem tem traduzido varios livros de Zweig, Maurois, Mouriac, etc.

EXEMPLARES ATRAZADOS

Ainda temos em nosso escriptorio, para venda avulsa, os numeros de O MALHO e MODA E BORDADO que trazem os coupons anteriores ao de hoje. Attenderemos a pedidos do interior. Madaremos tambem a capa do Album, mediante envio de 1$000 para o porte no Correio.

Aspecto colhido pela nossa objectiva quando se realizou o baptismo do interessante Paulo Sergio, primogenito do casal João da Silva Fernandes-D. Helena Pinto Fernandes.

Turma de peritos contadores que acabam de collar grão no Lyceu de Artes e Officios. Os novos contabilistas estão cercados de seus professores.

Aspecto da visita da jornalista argentina Sylvia Guerrico ao Circulo Brasileiro de Educação Sexual, dirigido pelo Dr José de Albuquerque.

Grupo tirado por occasião da passagem do anniversario natalicio da Srta. Egantina Coelho Gaio, que se vê cercada de pessoas amigas

LIVROS E AUTORES

PRELUDIOS

O Sr. Liberato J. M. Barreto estréa nas letras poeticas com um pequeno livro que vale a pena ser lido. E' uma pequena brochura, de aspecto modesto, mas tem no texto versos bem acceitaveis — versos que grande parte dos nossos vates de fama assignaria com gosto. Embora não se possam destacar pela originalidade, os versos de "Preludios" despertam, facilmente, a sympathia do leitor, dada a espontanea inspiração que os anima, o tom sincero dentro da forma bem cuidada em que todos elles estão vasados.

Os versos de "Preludios", ao contrario de muitos livros de pomposo aspecto que apparecem, quasi diariamente, entre nós, valem muito mais do que o modesto volume em que estão enfeixados.

MUTAÇÃO

A autora, Iveta Ribeira, confessa que não ha poesia no livro com que se apresenta ao publico. E não ha de facto. São poemas em prosa. Interessantissimos alguns. Mas nunca poesias.

A escriptora quiz, certamente, mostrar mais uma face do seu talento: de que seria capaz de escrever versos modernisados, ella que os escrevera sempre sob a forma classica.

Terá lucrado com isso? Não cremos. A "Mutação" foi brusca em demasia e não terá sido para melhor. Mas os amantes da poesia modernista encontrarão em "Mutação" muita cousa boa.

IDÉAS DE JOÃO NINGUEM

Belmonte não é sómente o illustrador admirado do meu Estado. E' um chronista de qualidades indiscutiveis. Não se limita, pois, a illustrar magnificamente os livros alheios. Illustra tambem os seus.

E' assim que o joven e festejado artista bandeirante nos offerece o seu segundo livro, com o titulo de "Idéas de João Ninguem".

"Commentarios alegres em torno de episodios sérios", que o chronista abrigou sob as paginas de um volume "para provar que, afinal de contas, este mundo não é tão triste quanto parece..."

CALOGERAS

Conhecendo toda a agitada vida do Sr. Pandiá Calogeras, Antonio Gontijo de Carvalho recorda-a, com emoção, no volume que temos em mão.

Evidentemente, é uma obra de amigo, em que, por vezes, o julgamento do homem publico se faz demasiadamente generoso.

Mas é uma contribuição que não se desprezará, se a Historia se preoccupar em reconstituir a vida do ex-ministro da Guerra.

PAULO GUSTAVO

TODOS os assumptos de interesse feminino são encontrados nas 68 paginas magnificamente impressas, de MODA E BORDADO, a revista "leader" da elegancia feminina, vendida em todo o Brasil a 3$000 o exemplar.

CAIXA D'O MALHO

ATHAYDE MARTINS (Lambary) — Que quer o Sr. que eu faça? Recebi a collaboração, assignada com o seu nome. Posso eu saber quem a remetteu, realmente? Affirma o senhor que foi algum dos seus inimigos. Acredito. Deseja que eu faça uma rectificação. A unica que posso fazer, é esta resposta que aqui fica.

NABOR (Valença) — Um artigo solemne, cathedradico, sobre o thema transcendental — "O amor e o coração". Depois de um bate-bola de logares communs, V. despeja a sua carga:

"Os amantes, juram perante a Deus, a sinceridade de seus corações.

De seus cerebros, não parte a menor dóse de psychanalyse. As suggestões e impressões da figura sympathica, abatem o individuo, afastando-o das outras precepções analyticas. A força hypnotica muitas vezes, domina o individuo.

A belleza physica, esculptural, são complementos bastante, para deixar um cidadão agir irrefletidamente!"

Você devia cognominar-se, como Joe Louis, o "Demolidor". Deante dessa dialectica, o Conselheiro Accacio é "café pequeno". Confesso-me arrasado deante da sua logica, da sua philosophia. *Knockout* technico.

JOAO SILVA (Rio Branco) — Gosto de ver um *bicho* de coragem como Você. Porque é preciso muita bravura para desejar a publicação de um soneto que fecha com este tercetto notavel:

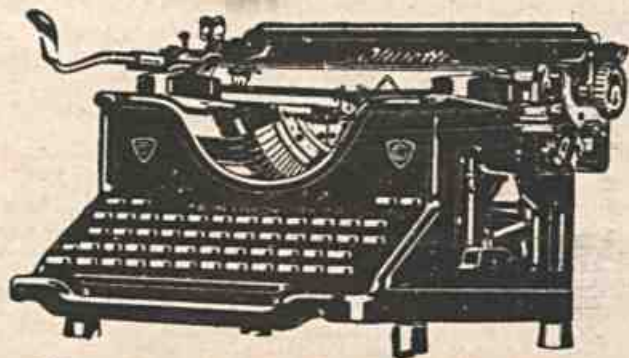
"Ha!... foste menos piedosa
Do que as ondas do mar!
Sendo esta tronco de arvore e tú
[uma rosa"

E o soneto intitula-se "Maré..." Valha-me N. S. dos Navegantes!

ANISIO MOREIRA DA COSTA (Curityba) — Banalissima. Não serve a sua chronica.

P. A. (Itapetininga) — Muito obrigado pelos seus elogios torrenciaes a mim e a O MALHO. Sinto não poder *retribuir-lh'os*. Seu conto é *fraco*. Construcção e enredo *proprios* para jornaes infantis. E quanto á chroniqueta, um pouco pedante e sem originalidade.

RONASSA OVIDIO (Rio) — Continúa faltando-lhe qualquer coisa. Não é estylo: é equilibrio. Na sua carta literaria, a accusação não convence, porque não tem firma. Demais, ha muito raciocinio, muito argumento e nenhum facto. Por isso, torna-se desinteressante. Não desanime.

Dr. Cabuhy Pitanga Netto.

Broadcasting em Revista

LAMARTINE BABO

Só Lamartine Babo é Lamartine Babo. Poucos compõem como elle. A sua espontaneidade não teme competidores. Sua bagagem, apesar de numerosa, não teve a infelicidade de ver a qualidade abafada. Entra anno, sahe anno, as musicas que elle faz continuam cada vez mais bonitas. Sem empresario cabotinista que lhe ampare, o nome do autor de "Linda Morena" está sempre no cartaz. Com um estimulo musical "sui generis", continua constantemente como grande figura, sem, comtudo, ser entojado medalhão, desses que a gente encontra por ahi, vendidos a tostão a duzia. "Elle é um plagiador". Mentira! Adaptar nunca foi plagiar. Elle adapta com muito mais honestidade do que o Aryzinho Barroso. E, para não restar a menor duvida, quando em adaptações, não o consideremos. Seu estro é mais forte ainda. Nássara, o sensato Nássara, quer achar Mario Reis o Antonio Carlos da musica popular. E eu peço licença para achar Lamartine o Humberto de Campos da mesma. Façam-se, porém, aqui, os paradoxos especificos de tal comparação. Comprehendamos o Babo. Ouçamos com carinho as suas musicas. Ellas, mascaradas de alegria, têm qualquer cousa de amargura. Disfarçadamente alegres, cada uma dellas é mais sentimental do que a outra. Humberto era todo alegria, todo bom humor. Um dia, porém, tudo se transformou em amarguras. Mas o riso não podia esconder a lagrima. Com Lamartine aconteceu assim... — **Rubens Orion.**

RADIO NO PARA' — Grupo apanhado no "Radio Club do Pará", após a recepção que o conjunto "Yrapurú" offereceu ao escriptor Oswaldo Orico, actual director do Departamento de Ensino daquelle Estado. Figuram, além do homenageado, a poetisa Adalcinda Magno e Celeste Magno, interpretes dos trabalhos folkloricos de Gentil Puget; Telemaco Coelho de Souza e Dinart Guimarães, cantores de primeira fila; Deusdedit Valle, optimo violonista; Luiz Moreno, locutor de P. R. C. 5; e Gentil Puget, compositor admiravel e brilhante jornalista.

RADIO CARICATURA

Como Jocal viu Paulo Roberto, "speaker" da "Cruzeiro do Sul" e um dos espiritos mais altos do nosso radio.

BREQUES

— Lembram-se de tanta cousa. Carnaval sem mascaras, Carnaval sem lança-perfumes. Só não se lembram de fazer um Carnaval sem marchinhas, sem sambas e sem estações de radio para tocal-os...

Attribue-se este monologo ao critico Benjamim Lima, do "Jornal do Brasil"...

DESFILE DE ASTROS

C. M.

Esta "pequena notavel",
"Bacana", pyramidal,
Nos sambas — é insuperavel
Nas marchas — não tem rival!!!

Sendo uma "Eva Querida"
E de muita estimação,
Tinha que ser a escolhida
P'ra cantar "Querido Adão".

Na certa muitos "facões"
Pediram em suas orações
Que ficasses na Argentina...

Mas que peso p'r'o pessoal!
Voltaste p'r'o carnaval...
E ainda mais "batatulina"!!!...

OLAVO

Sempre a PRH-8!

HERMANAS DESMOND

outro alto motivo de attracção, apresentado pela "voz de Copacabana". Artistas de raro merito, constituiram um grande successo frente ao microphone de P R H 8 a estação que maiores novidades tem apresentado. — Cantam tango, valsas, fox, rumbas, etc.

"CORTINA DE VELLUDO"

Quando toda a attenção da cidade estava voltada para as musicas carnavalescas, a "Columbia" resolveu lançar uma valsa...

"Cortina de velludo", de Paulo Barbosa e Oswaldo Santiago, creação das mais brilhantes de Carlos Galhardo, foi o fructo desse nascimento de sete mezes...

Emfim, dada a demora frequente dos discos "Columbia", foi bom que sahisse embora no Carnaval.

RADIOLETES

Renato Murce vae assumir, passada a folia carnavalesca, a direcção artistica da "Radio Transmissora".

Carmen Miranda queixou-se á policia de que estava sendo victima de trotes lamentaveis. Chamaram os bombeiros para sua casa, onde, segundo ella affirma nunca houve fogo...

Mario Reis alcançou um grande successo em S. Paulo, na sua visita recente á capital bandeirante.

A "Mayrink Veiga" promette tirar do "prégo" da Alfandega a sua nova estação e inaugural-a dentro em pouco.

A "Philips" está transmittindo um novo programma. Trata-se da "Hora Catholica da Philips", organisada por uma commissão de que é presidente o conego Alfredo Soares.

O ar das praias não faz bem aos microphones. Ha de ser por isso, talvez, que o da "Ipanema" está enferrujado com um som tão desagradavel quanto a voz do seu director, o "Quinzinho"...

—x—

O RADIO E A LITERATURA

Si os artistas de radio gostassem de ler bons livros, esta secção, de quando em quando, traria notas orientando-os nesse sentido.

Mas elles não gostam e muitos talvez nem saibam...

Assim, perderiamos nosso tempo se lhes recommendassemos a leitura de "Cimento Armado", mais um volume de chronicas do scintillante Berilo Neves.

Ou se lhes dissessemos que Oliveira e Silva publicou "A Machina da Felicidade", uma série de contos optimos.

Ou ainda que Nobrega de Siqueira escreveu "Copacabana", poemas modernos e nervosos, e que outro poeta, Hamilton Elia, escreveu "Vozes do Silencia", versos cheios de pensamento e sentimento.

Emfim como esta secção não seja para artistas e sim para todos que gostam de radio, ahi fica o registro, pelo menos...

UMA VERDADEIRA JOIA

Annuario das Senhoras

ANNO III
1936
Preço 6$000

PREÇO 6$

E' um luxuoso volume, impresso em
rotogravura, com cerca de quatro-
centas paginas, contendo Modas,
bordados, crochets, decorações,
todos os trabalhos de arte, os ar-
ranjos de casa, cuidados de belleza,
conselhos, literatura, sport, cinema
e curiosidade. Verdadeiro e util
encantamento para o espirito fe-
minino. A' venda em todas as li-
vrarias e jornaleiros. Pedidos á
Travessa do Ouvidor, 34.—Rio

ANNUARIO das SENHORAS

Helmut.

o malho

PISCINA

por maria eugenia celso

UM quadrilatero de agua-marinha. A aragem da tarde, vinda do largo, lhe encrespa de imperceptiveis arrepios a superficie azul-verde. Um azul-turqueza que vae ficando mais verde do lado mais fundo.

Um azul onde os olhos mergulham e vão descendo, perdidos de goso, adormentados numa estranha volupia. Dir-se-ia que o vento lapida amorosamente esta liquida turmalina, liquida joia engastada entre o abrupto inverosimil de um outeiro agreste e o alto muro super-civilisado do hotel. Ao redor, entre as masinhas transbordantes um bruhahá ininterrupto de chegadas e partidas.

Risos, interpellações, cumprimentos, conversas.

Em meio ao vaevem dos serventes, todo o movimento, a alegria, o colorido e barulhento atropeio do local que a moda consagrou.

Gente que vae ver. Gente que vae para ser vista. Na agua ondulosa, na transparencia crystalina daquelle divino verde-azul, um ou outro displicente nadador. Do lado das creanças, um bando de garotos alheiados a tudo que não a propria brincadeira, se agita, salta, afunda, aflora á tona, grita e ri entre um louco espadanar de esguichos buliçosos. Um cardume alvoroçado de peixes, realmente. Não é porém, o espectaculo mundano daquella reunião nem o folguedo innocente desses meninos que faz o encanto estival da piscina.

E' o matiz feerico dessa agua, na sua immovel expectativa, um verde que não se sabe ao certo se não será azul. Cambiancia fluida e clara, de singular alacridade onde a vista se dessedenta de frescor e de pureza, e o olhar, fascinado, não se cansa de mergulhar.

O firmamento, por mais que intensifique o carminado azul do seu romantico céo de poente, não consegue distrahir os olhos daquelle outro artificial azul tão luminoso e tão verde. De repente, no alto do trampolim, um corpo esgalgo se apruma.

O cinto *maillot* accusa-lhe em vermelho vivo as linhas ageis da silhueta, deixando á mostra até as virilhas, as pernas longas e cheias a um tempo. Pernas de estatua. Os seios erectos enfunam juvenilmente o busto perfeito, sob o tecido esticado pela flexão dos braços, projectados para a frente e erguidos á altura da fronte. Vae mergulhar. Na ponta extrema da taboa, a cabecinha apertada na borracha encarnada da touca todos os musculos retezados para o pulo, o corpo todo como suspenso sobre o abysmo verde da agua, desenha-se um segundo, naquella semi-curva airosa que precede o atirar como um lindo e esguio peixe humano.

Toda ella é graça, arrojo, flexibilidade.

Fica parada um minuto medindo a altura, como se hesitasse.

E, subitamente, scindindo o espaço é o arremesso quasi aligero, o salto prodigioso daquelle corpo elastico furando o verde translucido cá de baixo, num esfusio estrepitoso de espumas e desapparecendo-lhe na mysteriosa profundeza para surgir logo, além, em braçadas lentas, seguras, victoriosas da quéda arriscada. Um vulto vermelho boia agora descuidosamente á flor d'agua...

Piscina..

Na audacia tão bella daquelle mergulho, tua alma, um curto instante, enamoradamente palpitou.

MARIA EUGENIA CELSO

O DRAMA E A VIRTUDE DA MARQUEZA DE SANTOS

POR CARLOS MAUL

Pedro I na época em que conheceu Domitilla, em São Paulo, antes da Independencia.

A marqueza de Santos, Domitilla de Castro Canto e Mello, entrou na Historia como concubina de Pedro I. Descoberta em S. Paulo em 1822, pelo principe mulherengo, inspirou-lhe violenta paixão. E a ella se ligou, na clandestinidade que as circumstancias impunham a um homem na sua situação, com responsabilidades politicas e sociaes, numa época em que as virtudes publicas tinham de cobrir os deslises domesticos, escondendo-os dos olhos do povo.

Nada de extraordinario havia nessa ligação. De um lado, era uma mulher livre, desquitada e moça. De outro, um homem impetuoso, com as taras da luxuria materna a espicaçar-lhe os nervos, espirito aventureiro, e limpo de escrupulos. E é preciso não esquecer que o adulterio de Pedro I tem a sua natural desculpa na sua posição de descendente de reis, sujeito a um matrimonio de conveniencias dynasticas, sem amor, com uma princeza de outro sangue e de outro clima, sem as affinidades electivas que o poderiam prender ao seu carinho e aos seus deveres de esposo.

Pedro era casado... Domitilla tambem, e separada do marido... A maledicencia humana vê nesse facto uma razão de vulto para tisnal-a com o epitheto grosseiro de prostituta. "Até hoje — 1861, — esta meretriz figura no quadro da nobreza brasileira", escreve um pretenso conhecedor da sua biographia, em documento conservado pelo barão Homem de Mello. E accrescenta, oppondo-se ás provas genealogicas: "... essa mulher, sahida das ultimas camadas da sociedade, transportada das lubricas tavernas da devassidão para o leito impuro de um principe adultero..."

Vejamos quem era o consorte de Domitilla e as razões da quebra do vinculo conjugal. Chamava-se Felicio Pinto Coelho de Mendonça, tinha o posto de alferes e nascera em S. João Baptista do Morro Grande, no bispado de Marianna, em Minas. Casou com Domitilla a 13 de Janeiro de 1813, tendo ella dezeseis annos. Era uma creança, e dados os rigores da educação feminina na época devia ser uma creatura isenta de malicia. Felicio não soube ser um marido exemplar. As testemunhas no processo do divorcio intentado em 1824 depõem sériamente contra o seu porcedimento. E Domitilla affirma no Libello de Sevicias que o "referido seu marido a tem tratado com o maior rigor e crueldade e com toda a sorte de sevicias."

Ainda nas mesmas declarações diz ella que o "marido lhe recusa o necessario para se sustentar e alimentar, até os proprios vestidos para se cobrir, dizendo-lhe indigna e desaforadamente que se cubra com o seu capote e que vá ganhar pela rua, expulsando-a violentamente da casa commum."

No dia 6 de Março de 1819, sahindo Domitilla a visitar uma parenta, e residindo então com sua avó, o marido a esperou de tocaia, e vibrou-lhe duas facadas. Commettido o crime, o alferes Felicio foi á casa do tenente Francisco Jacintho Pereira, mostrando-lhe a faca tinta de sangue e pedindo-lhe auxilio, pois, segundo suppunha e era essa a sua intenção, acabava de matar a mulher.

Ha mais. Felicio, casado com separação de bens, dissipava a fortuna da esposa, e para fazel-o falsificava-lhe a assignatura. Mantinha uma manceba com a qual possuia dois filhos.

Pessimo marido, adultero, estellionatario, quasi assassino. Esse era o companheiro que Domitilla recebeu em casamento perante a Egreja em 1813, com a edade em que as meninas do seu tempo viviam na clusura, brincando com bonecas, instruindo-se nos mestres da cosinha, e prohibidas de apprender a ler e escrever para que não mantivessem correspondencia com os namorados.

O réo nesse processo foi julgado á revelia. Não apresentou defesa, tão robustos foram os elementos contra a sua conducta, tão frageis deviam ser as allegações que teria de fazer ao tribunal se acaso perante elle houvesse ousado comparecer.

No processo não ha um só depoimento que fale de infidelidades de Domitilla. O unico que nelles encontra é a noticia de uma existencia vincada de desgostos, uma vida em começo cortada de vicissitudes, a narrativa triste da alliança de um bruto com uma creatura de olhos ingenuos mal abertos para as realidades do mundo.

Foi depois desse drama que Pedro I viu Domitilla em S. Paulo, prendeu-se aos seus encantos physicos, por que ella era formosa conforme o attesta a sua iconographia, e promoveu a sua vinda para a Côrte.

:: :: ::

Mulher sahida das baixas camadas da sociedade...

Num manuscripto citado pelo Sr. Alberto Rangel, e que se suppõe da autoria do Barão de Pindamonhangaba — e datado desta cidade, faz referencias ao titular como fiador dos seus conceitos, e acabou em mãos do barão Homem de Mello parente daquelle — encontram-se notas que dizem bastante do odio que uma corrente anti-brasileira votava a Domitilla, e tambem revelam as contradições em que cahem os seus accusadores.

"Dominado pela cegueira da paixão o Imperador determinou casar-se com ella e fazel-a imperatriz do Brasil, e para esse fim começou desde logo a elevar gradualmente toda a sua familia na hierarchia nobiliaria o que fizera ainda em vida da Imperatriz. Assim os paes da marqueza de Santos foram condecorados com o titulo de Visconde e Viscondessa de Castro. Sua irmã teve o titulo de baroneza de Sorocaba, seu irmão o de Visconde de Castro." São topicos desse documento de origem imprecisa. No entanto não se conhecem declarações positivas do Imperador sobre o seu pretendido enlace com Domitilla. Quanto aos fóros de nobreza conferidos aos parentes da amante, não são elles evidentemente os unicos attestados da sua prosapia. Em 1784 casavam-se os paes de Domitilla. A sua certidão reza que era elle tenente, natural da Ilha Terceira, e a mãe descendente dos Toledo Ribasi de cuja arvore genealogica, de velhas raizes no sólo paulista, se esgalham varias patentes militares. Serão essas as camadas baixas de onde provém a concubina do monarcha?...

A mãe de Domitilla provinha de Pedro Horta, fidalgo da casa dos Hortas; fundada no Algarve em 1400, reinando Affonso V. Na sua estirpe ha capitães-móres, governadores de capitania, guerreiros, chronistas, magistrados. O pae era oriundo de João de Kant que tem o seu sangue em varias gerações de fidalgos, clerigos, militares. O avô de Domitilla recebeu o Fóro de Moço Fidalgo de Cantos, em Lisboa, em 1708.

Como se vê, não foi Pedro I quem deu nobreza de titulos aos membros da familia daquella que o destino lhe collocou no caminho. E si a cobriu de honrarias, se a fez viscondessa e marqueza, se conferiu pergaminhos aos progenitores, não deu taes prebendas a gente de passado obscuro. O Pindamonhangaba, tão cioso da pureza da fidalguia do Imperio, talvez não ostente nos seus assentamentos os traços de uma linhagem identica, antiga de seculos a perder-se nos primordios da nacionalidade de Portugal e Hespanha com cruzamentos na Inglaterra.

Paranaguá, um dos mais accerrimos inimigos de d. Domitilla, e que mais violentamente a combatia.

A casa de residencia da Marqueza de Santos, proxima á Quinta Imperial, que agasalhou o grande amor do imperador do Brazil.

:: :: ::

A politica concorreu muito para os ataques á conducta de Domitilla. Ligada como estava a Pedro I, não podia ella fugir aos imperativos do ambiente nem repudiar os patricios que a procuravam. Os amigos de José Bonifacio que a aggrediam não escapam ao mesmo defeito. O ministro em pessoa cultivava a intimidade da Imperatriz e por seu intermedio ampliava a sua influencia no espirito do Imperador.

Vasconcellos Drummond usa a linguagem de todos os pamphletarios do tempo para denegrir a reputação da Marqueza de Santos, e o faz como um monarchista inveterado com sustos pela actividade dos republicanos nos salões de Domitilla.

"A famosa Domitilla — diz elle — a Messalina da época, estava já na amplitude de seu poder, rodeada de vis e baixos cortezãos aduladores, e imperando sobre o espirito do mal avisado principe que se achava á testa dos destinos do Brasil. Por influencia desta mulher tudo se fazia, e ella vendia os seus favores a quem os queria comprar por dinheiro. Os que se intitulavam republicanos tambem a procuravam e compravam os seus favores, sobretudo quando estes eram necessarios para satisfazer uma vingança. O Imperador viu na Côrte que faziam a esta mulher os chamados republicanos um indicio de que até os mais exaltados estavam dispostos a submetter-se á sua vontade, comtanto que dahi lhes viesse algum proveito. A Domitilla não foi pois estranha ao projecto da dissolução da Assembléa Constituinte; era a representante assalariada dos republicanos nessa conjuração.

"Estes levavam em vista, na dissolução da Constituinte, dois pontos essenciaes: 1º, vingarem-se dos Andradas e seus amigos, os quaes deviam ser banidos, e o 2º, era aproveitar a occasião de perturbação, que a dissolução devia causar em todo o Brasil, para expulsar delle o Imperador e fundar a Republica."

Vasconcellos Drummond fez ahi affirmações gratuitas. Onde as provas de que a Marqueza de Santos recebia dinheiro dos republicanos?... Elle não as apresenta nem faz questão disso. Accusa. Atira lama. E mais nada.

A Messaline é tambem uma figura de rhetorica. Amante do Imperador, mãe de seus filhos, rigorosa nos habitos, essa mulher não merece tão rude epitheto só por não ser casada com o homem com que pela lei não podia casar...

Que peccados commetteu durante a sua ligação com Pedro I? Ninguem os exhibe documentadamente.

Quando Pedro I abandonou o Brasil depois da revolução de 1831 recolheu-se a Marqueza de Santos. Não ha noticia de escandalos com o seu nome. Ella curtiu em silencio a sua infelicidade.

Nesse particular é ainda interessante respirar do famoso manuscripto apocrypho conservado pelo barão Homem de Mello e que tem a data de 1861, as contradições sobre os costumes da Marqueza após a partida do Imperador. Estes trechos são a esse respeito edificantes: "Cheia de grandes riquezas, que lhe outorgou a munificencia do Imperador, essa mulher avára, avida de dinheiro, é incansavel em vender quitandas e miudezas que conta uma por uma, para engrossar o seu opulento cabedal, e distingue-se por uma ridicularia nunca vista. Basta saber-se que ella não dá gordura para a comida de seus escravos e que estes compram della aos vintens o toucinho para temperar seu alimento, quando têm dinheiro para isso!" E logo adiante: "Tem genio serviçal e é cheia de caricias para os que ella busca distinguir... O mundo, entretanto, rodeia essa mulher de respeito e attenções porque ella é rica foi concubinada com um Imperador!..."

E' avarenta e tem genio serviçal... E' devassa e é rodeada de respeito e attenções... Si fossem verdadeiras essas diatribes, quem teria desmerecido não seria ella, mas a socidade, sua contemporanea, a que pertencia esse libellista anonymo, zeloso dos seus brazões... Saliente-se mais em favor da moralidade da Marqueza de Santos que ella não era creatura de evitar a prole nos seus assomos sexuaes e, só teve descendencia do primeiro marido, do Imperador, e mais tarde do seu segundo e ultimo esposo. Houvesse ella sido a dissoluta que o odio dos seus inimigos inculca, e logicamente algum fructo, embora pecco, desses connubios teria repontado para gaudio dos linguarudos.

Aos sessenta annos a afamada corteza ainda conservava um certo donaire

A Marqueza de Santos na época dos seus amores com o monarcha.

Em 1842, casa-se ella de novo, com o coronel Raphael Thobias de Aguiar, com dispensa das formalidades do estylo e em oratorio privado da casa de D. Gertrudes Euphrosina Ayres, em Sorocaba.

Esse Raphael Thobias era um cidadão de responsabilidade, com fé de officio digna, com prestigio no Exercito. Amigo de Feijó que fóra regente do Imperio, e era senador, fil-o padrinho do seu casamento em companhia do capitão Francisco Xavier de Barros, seu primo, da linhagem dos paulistas Paes de Barros, que deu viço aos barões e marquezes de Itú e de Piracicaba, á marqueza de Valença, ao barão de Tatuhy. Raphael Thobias, que na revolução de 42, ao ser procurado pelos emissarios de Caxias que o queriam prender ao lado do glorioso Feijó, era pelos seus adversarios tratado com considerações especiaes, daria o seu nome a uma mulher que, apesar de fidalga, fosse a rameira que a bocca do mundo assoalhava?... Casaria com ella pela sua fortuna, fazendo vista grossa sobre o seu passado?...

A marqueza de Santos consorciou-se com separação de bens, e recebeu por escriptura antenupcial o dote de oitenta contos de réis.

O padre Diogo Antonio Feijó, varão de nobilissimos predicados civicos e moraes, defensor intrepido da unidade nacional, sujeitar-se-ia a paranymphar o enlace de uma dama coberta de vicios?... O rigor com que se apuravam essas cousas naquelles dias saturados de preconceitos responde a essa pergunta desmentindo-a.

O casamento da marqueza de Santos com Raphael Thobias celebrou-se numa atmosphera de sobresaltos. Sorocaba soffria já o assedio das tropas imperiaes do commando de Caxias.

:: :: ::

O fracasso da rebellião de Sorocaba constituiu para a marqueza de Santos um novo capitulo de desgosto. O seu fastigio temporario na Côrte ao

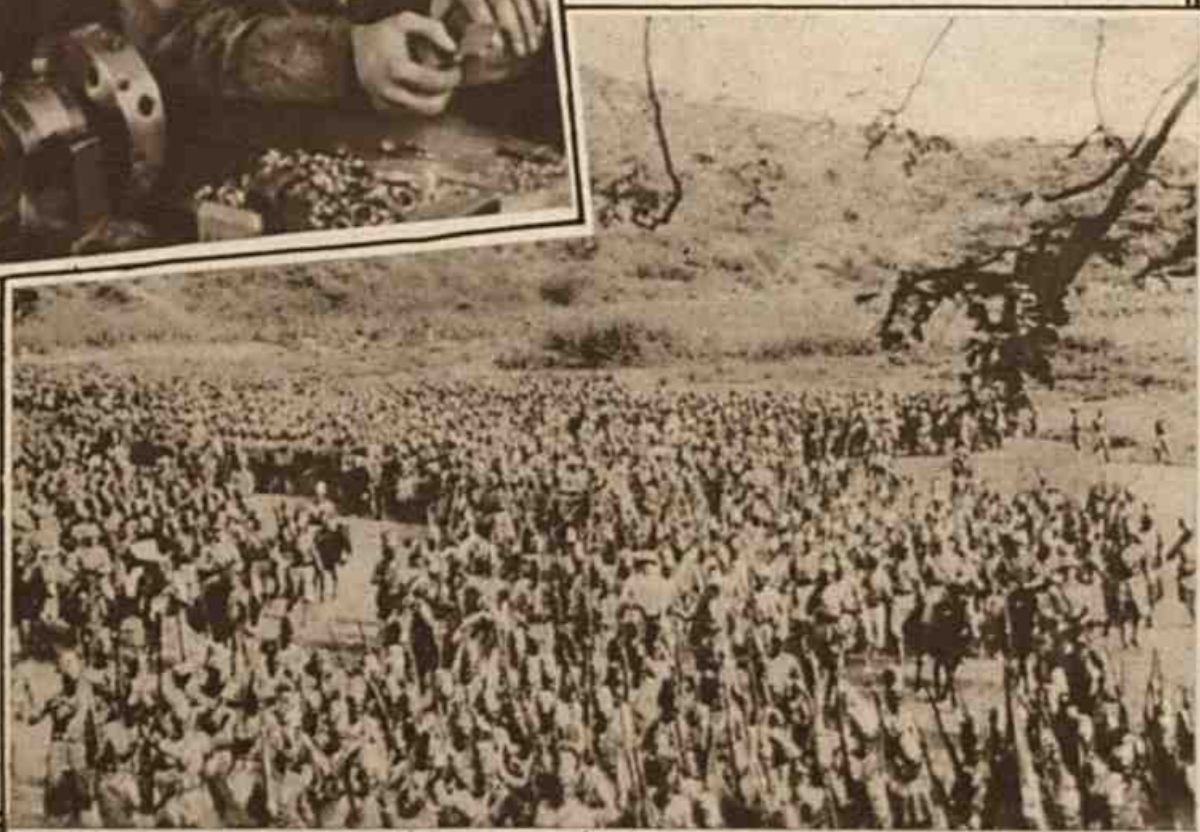
(Continúa á pag. 48)

A GUERRA ITALO-ETHIOPE

A INFANTARIA ITALIANA MARCHA PARA MAKALÉ. — Um destacamento de infantaria italiana em marcha para Makalé. A estrada por onde seguem os soldados foi aberta pelo corpo de engenheiros italianos.

AS SANCÇÕES: PERENNE VERGONHA! — Ao som de trombetas, tocadas por pequenos fascistas, foi inaugurada na Casa dos Balillas, em Roma, uma placa, sobre a qual se lê a seguinte inscripção: "Aos 18 de Novembro de 1935, o mundo sitiou a Italia. Perenne vergonha para aquelles que pediram, que aconselharam, que applicaram a pena innominavel!"

A TOMADA DE ADUA — Entrada dos soldados italianos na planicie de Adua, no dia seguinte ao da tomada da cidade ethiope. Cincoenta mil homens, que vivaram, ali, o nome do Duce, pela primeira vez.

DIGNAS DOS GRACCHOS! — As senhoras italianas estão se despojando de suas joias em beneficio da Patria, que sangra. Até ao momento em que escrevemos esta nota, montava a 8 milhões o numero de allianças de casamento offerecidas espontaneamente pelas damas romanas. Em lembrança de tão sublime sacrificio nos anneis serão gravadas estas palavras: — "Ouro para a Patria. 18 Nov. 1935" — data do inicio das sancções

Ventoinhas

Nunca se está certo do que se fará e sim do que se fez.

Não se deve prometter amar uma creatura toda vida. Deve-se, sim, prometter velar pela duração desse amor.

O homem é o eterno caçador da era da pedra lascada e a mulher sempre a presa visada.

A mulher apaixonada deve ser um caso muito serio para o seu marido.

O homem apaixonado é o maior empecilho para a felicidade conjugal.

E o ciume é a arma desse eterno mal estar.

A conquista do amor depende exclusivamente de uma corrida entre o caçador e a caça, tanto pode ser o homem como a mulher...

O homem, quando ama, custa mais a esquecer do que a mulher?

A mulher se compadece mais depressa e ás vezes é levada ao amor por simples compaixão e por sua extrema sensibilidade.

O amor exige muito e no emtanto contenta-se com tão pouco!

A indecisão no amor é peor do que a mais amarga verdade.

A felicidade dos homens não depende delles... mas dellas ou della...

A felicidade feminina depende exclusivamente della.

A mulher perfeita é a que possue espirito de homem, corpo feminino e coração de creança.

O homem que possue corpo masculo coração de mulher e pensamento de creança é fanfarrão...

Si bem que, para alguns especimens retrogrados, a perfeição feminina consista em que a mulher tenha medo de barata, ratos, defuntos e tempestades...

Ha certas creaturinhas que exploram admiravelmente esta imbecilidade.

Fazem muito bem... Porque desde Adão o homem faz sempre tolices...

E a mulher tambem...

No homem, a analyse é a sua caracteristica, na mulher é a synthese, embora ella seja mais detalhada em suas apreciações.

A esmola é o beijo da caridade e o beijo a caridade da ternura.

As mulheres beijam sempre de olhos fechados para que não lhes perguntem o seu ponto de vista a respeito... ou para não verem o risco que correm...

Já disse um medico inglez que o beijo não é anti-hygienico como affirmavam os scientistas, que a permuta de microbios produz a destruição de muitos delles em defesa do proprio organismo.

Mas, a moral diz: O beijo é a porta do peccado...

Resolvam os amadores de tal esporte, como entenderem...

Porque as mulheres muitas vezes, só para atrapalhar, gostam de enfrentar perigos.

MARIA AMALIA

Poeira da Estrada

BERILO NEVES

Um homem que chora — ou é ridiculo, ou sublime...

—:o:—

O amor é um sonho; o casamento, um pesadelo; a viuvez, uma resurreição...

—:o:—

Outrora, as mulheres, quando eram infelizes em amor, entravam para um convento. Hoje, entram... num cinema.

—:o:—

O que doe, no amor que acaba, não é a sua morte— mas a vida que teve...

—:o:—

O direito de sonhar cessa quando começa o dever de não ser imbecil...

—:o:—

As caricias são o amor com assucar. O segredo da felicidade consiste em saber dosar esse assucar de modo a evitar que o amor azede...

—:o:—

Uma mulher que sabe muito é muito para um homem que sabe pouco. Uma mulher que sabe pouco é pouco para um homem que sabe muito...

—:o:—

Dá-se o nome de **"casco" ao pé analphabeto...**

—:o:—

Ha mil maneiras de chegar ao coração de uma mulher moderna, mas o mais rapido ainda é o automovel...

—:o:—

Ha mulheres que não gostam de dinheiro mas não ha nenhuma que não goste das cousas que o dinheiro adquire...

Uma boa mulher é uma santa. Um bom homem é um desgraçado...

—:o:—

Só é interessante a mulher que não sabe que o é...

—:o:—

Chama-se **desengano** ao imposto que a boa fé paga á maldade humana...

—:o:—

As mulheres não podem ser **"cabeça de casal"**. E como o seriam se não têm cabeça?

—:o:—

Para cada mulher sábia, existe, no mundo, um milhão de mulheres sabidas...

—:o:—

No casamento, 90% da felicidade depende da mulher. Será por isso que 90% dos casamentos não são felizes?...

—:o:—

A gratidão é uma cousa que só existe em alguns cães — e na imaginação dos poetas...

—:o:—

Para arranjar um inimigo feroz, nada melhor do que fazer-lhe um beneficio... O simples facto de precisar do beneficio, dá-lhe o senso da humilhação, que é a fonte natural do odio...

—:o:—

Uma mulher calada — ou está com alguma dor fraca, ou com alguma malicia forte...

—:o:—

As discussões entre marido e mulher são como as dos congressos de paz: nunca dão resultado pratico...

—:o:—

Um solecismo na bocca de uma mulher bonita é como um tomate na lapela de uma casaca...

Ha duas cousas que tentam muito as mulheres: beijos, e cedulas de 500$000...

—:o:—

As creaturas mais felizes são as que não têm tempo para pensar no problema da felicidade...

—:o:—

Uma desillusão ensina mais do que **1.000 livros...**

—:o:—

Nada mais triste do que o sapato velho de uma mulher feia que andou muito em cata de um noivo e não conseguiu nada...

—:o:—

E' proprio dos corações mal formados tocarem fogo numa floresta inteira, simplesmente porque um espinho lhes feriu um dedo...

—:o:—

Uma mulher "complicada" é, sempre, uma mulher que ainda não achou um marido...

—:o:—

A desgraça, como a tempestade, nunca vem de subito. Ha, sempre, algumas nuvens negras que a annunciam e que, ás vezes, passam despercebidas...

—:o:—

Ha mulheres que são graciosas em tudo — até mesmo quando erram...

—:o:—

O amor é uma auto-suggestão a dois. Desgraçado do homem que se esquece disso!

—:o:—

O excesso de virtudes mata mais depressa o amor do que o excesso de defeitos...

—:o:—

Casar é facil. O que é difficil é continuar casado... (pensamento de um solteirão em férias).

—:o:—

A pulga é a mais intima das amigas intimas das mulheres...

—:o:—

O odio é a fórma mais escandalosa do amor — mas é a mais bella!

illustração de **THÉO**

Mestiças

Chinóca

Cacimba de algum verão!...
Flôr madura, polpa verde,
lindo fruto temporão!
Tu tens mormaço nos olhos,
camoatim no coração...

Mulata

Bronze sonóro, ondulando...
Com tal graça tu meneias
as tuas ancas redondas,
que o teu corpo é um grupo de ondas,
com sol fechado nas veias...

Caboçla

E's tigipió do carinho...
Fruta que mata ou acalma,
veneno bom do caminho...
Não ha quem cure um espinho
quando elle se crava n'alma...

Cabrócha

Flôr canalha! Debochada!
Maxixe de carne em flôr...
De alma alegre ou desolada,
desatas a gargalhada,
pois tens na mesma risada
gritos de insulto e de amor...

VARGAS NETTO

O CALOURO

CONHECEM o Phocion? nasceu ali em Campos, berço do Nilo...

Como todo brasileiro nato, é republicano; como todo republicano, tem um titulo maior que o de doutor: cidadão; como todo cidadão que se presa... Com licença: a semana não tem sete dias? e não é depois de quatro dellas que nasce o mez e apoz doze delles que vive o anno e no fim de cem delles que morre o seculo?

Logo, a vida é uma repetição de semanas...

E como a semana só tem sete dias, seis monotonamente inuteis e um esporadicamente util, que fez o Phocion?

Como todo cidadão que se presa, na segunda vaccinou-se; na terça empregou-se; na quarta casou-se; na quinta formou-se; na sexta tirou titulo de eleitor; no sabbado candidatou-se á Academia; e no domingo não descansou!

Dirão que muitos o fazem... sim, mas nelle as vaccinas pegaram; o emprego é publico e notorio; no matrimonio achou a sua costella, a tantos satanicamente roubada, isto é: integridade perdida; doutor, foi além: fez-se douto; eleitor, vae muito além: pede votos: candidato, ou entra para a Academia ou ella ficará virtualmente fechada... E ha-de entrar! Não lhe roubou ella o divino socego do domingo? não lhe entrou ella pelos sonhos a dentro?

Direito de reciprocidade. Quando para lá fôr (mais um voto para mim) verão e dirão todos que, si o Phocion em casa está no seu lar, na Academia está em sua casa.

Ramo virente da frondosa arvore genealogica dos Serpas, a um tempo forte de energia como o pae e fraco de bondade como a mãe; esse moço, de cara fechada e coração aberto, com o nome bellico de general atheniense, a calva pensadora de Eschylo e o nariz perscrutador de Socrates; apoz fazer as unicas sete coisas que comporta a semana, inclusive o nada do domingo, o que é peor que tudo; apoz cumprir todos os seus meticulosos deveres pessoaes, sociaes, materiaes; voltou-se de corpo e alma para as tres grandes obras ideaes, espirituaes, sentimentaes: fez filhos, plantou arvores e publicou seus livros!

Os filhos morreram-lhe; as arvores não sei; os livros ahi estão! Os livros ahi estão porque livros ficam, porque os livros, até os maus, não morrem: são a estatua ou o estigma dos seus autores.

O Phocion ainda é moço mas como sabe que de morrer sempre se está em vesperas, acaba de accrescer a sua bibliographia com um livro que é a sua biographia, a sua iconographia: **Calouro!** O estylo é o homem, o livro é elle.

Paginas de riso e pranto enredados como em D'Amici, de lagrimas e gargalhadas entresachados como em Raul Pompéa!

E' o Phocion calouro de medicina: a velha escola no velho casarão da praia de Santa Luzia... aquelles lentes de provecta sciencia... á luz do gaz; os frades de esquina, a bahiana, o trote as bombas no exame; uns collegas hoje sabios, outros mais sabios: mortos... um mundo dentro deste!

Hoje dentro do predio falta a escola, dentro da escola falta o Phocion, dentro do Phocion falta o estudo...

Todo livro é de memorias! Vamos ao fim:

Abre-lhe as portas, Academia!

ATTILIO MILANO

PALMINHO DE CARA

A garota jogou-se na poltrona. Parecia ter-se jogado nos braços do bem amado. Que olhos bonitos Deus lhe deu! Francamente ha muito de diabolico no chic que a costureira poz no seu vestido. Apertou-a maravilhosamente em meio metro de fazenda. Havia no seu rosto um ar contente e provocador. Mexia-se.

Depois falou:

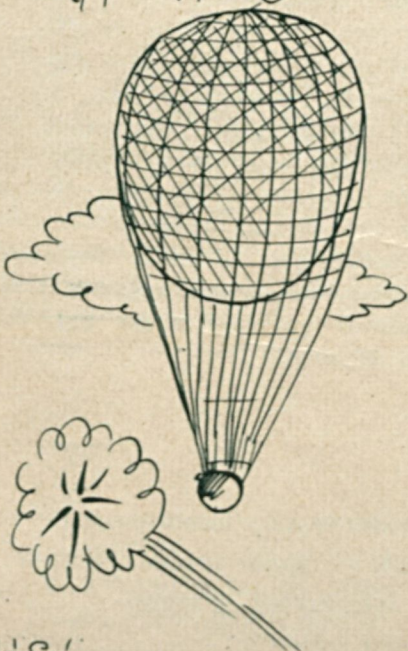
— Estou louca por vêr o inimigo publico. Deve ter uma scena feroz. Tomara que eu goste delle...

— Será que tem dado muito tiro? Quero vêr a metralhadora tecer renda nas vidraças e nas paredes.

— Tenho horror aos "G-men".

Depois o palminho de cara tirou uma pucha-pucha e ficou mordendo-a. Todos os olhos não largavam de olhar para ella. Todo o pessoal tinha o bicho-carpinteiro no corpo. Estavam esperando a sessão. Ouviam-se os ultimos tiroteios que vinham da sala de projecção. Falavam alto, mas não deixavam de tirar uma linha do paniculo adiposo duma velha de preto. Um sujeito soltou uma gargalhada bastante escandalosa. Tinham-lhe contado uma anecdota do "sei lá si é!" Inconveniencias estrategicas. Você, ah, sim você, o heroe? Ultimos riscados de baton. Espelhos em acção. Uma pequena suspirou. Seria que inimigo publico gostaria do seu vestido de bolinhas?

J. M. BRINCKMANN

Em 777 Dias...

A loucura carnavalesca bateu forte cá por casa. O redactor desta pagina foi accommettido violentamente pelo mal de Momo, sendo preciso substituil-o urgentemente. Mas aconteceu que o substituto se achava em estado mais grave do que elle! O leitor, acostumado á circumspecção da sua pagina de synthese, "vae ter"... uma surpresa com os commentarios que ella hoje lhe offerece. As influencias carnavalescas são poderosissimas. E esta pagina foi feita numa semana de Carnaval... As noticias commentadas são mais ou menos veridicas e os factos aconteceram nos ultimos 777 dias.

● Passaram pelo nosso porto os navios "guarda-costas" recentemente comprados pelo Uruguay. O Sr. Litvinoff, na Sociedade das Nações, criticou severamente essa compra, dizendo que não é vantagem nenhuma brigar e arranjar "guarda-costas".

● Foi eleito presidente do Conselho Nacional, na India, o "Pandit" Nehru, successor natural de Gandhi. Esse Nehru é muito conhecido por suas façanhas historicas: o incendio de Roma, a morte de Agrippina e outros "panditismos".

● O governador de Pernambuco resolveu acabar com as feiras aos domingos. Acha que tudo demais é sobra. Na sua opinião, são sufficientes a segunda, terça, quarta, quinta e sexta "feiras" durante a semana. P'ra que, em domingo, feira?

● Os cariocas tentaram levar a effeito a campanha contra o collarinho, por causa do calor. E vão continuar tentando. Por sua vez a Caixa Economica resolveu iniciar a campanha do "pé de meia". Vamos ver agora muita gente andando sem collarinho e só com um pé de meia...

● A Central do Brasil, a titulo de economia, vae fechar as estações de S. Christovão, S. Francisco Xavier, Santa Cruz, Santissimo, etc., em vista de já existir a de Todos os Santos.

● O "leader" socialista Léon Blum, na França, foi aggredido. Monsieur e Madame Monet, que o acompanhavam, ganharam algumas sobras. Dizem os telegrammas: "Mme. Monet soffreu luxação da cartilagem do nariz e duas contusões no resto do corpo". Pelos modos, o nariz de Madame é mais importante, e maior, do que o resto do corpo...

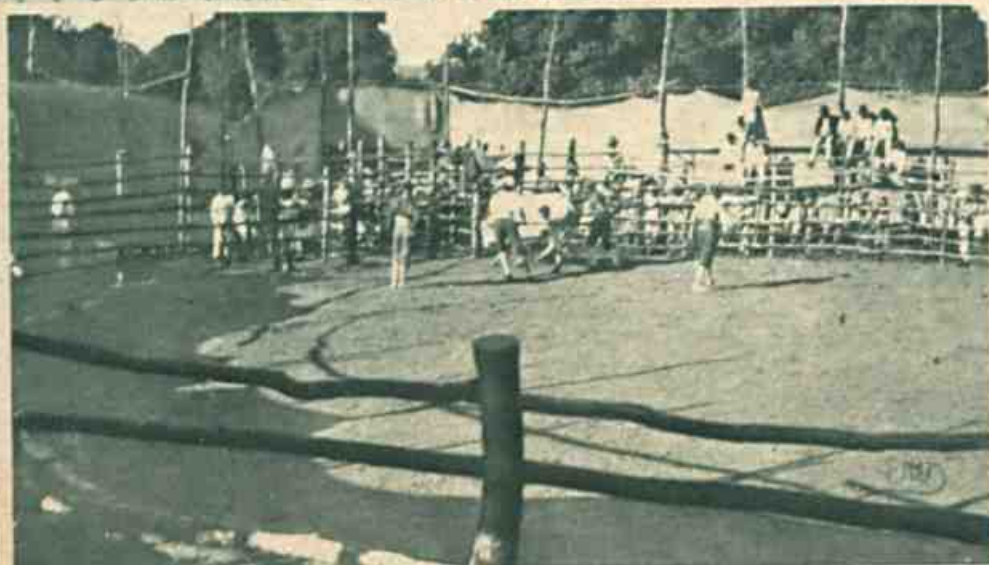
● Os italianos bombardearam uma posição ethiope. Um soldado do Negus, que escapou ás bombas, foi attingido por uma garrafa de vinho "Chianti" cahida de um avião por acaso, morrendo sem dizer agua vae. Mais trabalho para a Conferencia do Desarmamento: prohibir os Estados europeus de fabricarem garrafas...

● O governo do Estado do Rio se viu abarbado com uma avalanche de pedidos de licença para a abertura de casas de jogo. Mais de 300 requerimentos entraram num só dia, nesse sentido. Explica-se: os requerentes suppunham que sendo o Governador e o Chefe de Policia marinheiros velhos, não sentiriam os effeitos do "jogo". Mas o jogo foi tanto que o Governador enjoou...

● O governo da China resolveu supprimir o uso do opio no paiz. Essa idéa nasceu da convicção de que é preciso os chinezes andarem vigilantes evitando "dormir nas palhas", deante das idéas um tanto ou quanto italianas do Japão...

● O celebre professor Piccard fez á imprensa franceza declarações verdadeiramente sensacionaes, negando que tenha feito em qualquer tempo tentativas para attingir a estratosphera. — "Nunca subi em um balão e nunca me envolvi em camadas estratosphericas — declarou o sabio. Os senhores sabem que eu tenho um irmão. Pois foi elle quem fez tudo isso, e não eu".

● Fracassaram as experiencias realizadas com o foguete dirigido pelo radio, para transporte de correspondencia, em New York. Os inventores se congratularam pelo facto de não terem soltado foguetes antes da hora.

● Sargento e Borba Gato, que iam tirar a limpo uma questão pessoal, fizeram tal qual os duellistas patricios. Depois da carreira marcada, acharam melhor arripiar carreira...

Touradas no Brasil! Em Arazá, Minas, realisam-se esses divertimentos tão ao gosto dos filhos da heroica Hespanha. (Rem. de Emir P. Werner).

Um burro phenomenal. Deve ser descendente, esse cabeçudo, do dono da caveira biblica com que Samsão dizimou os 1.000 philisteus... Os burros são cabeçudos, mas este o é... demais! (Rem. de Antonio Dantas).

Um "dandy" um pouco extranho .. Talvez em vida nunca tivesse satisfeito suas velleidades de elegante... O leitor que se impressionou com elle foi o Sr. Ivan Granville, de Recife.

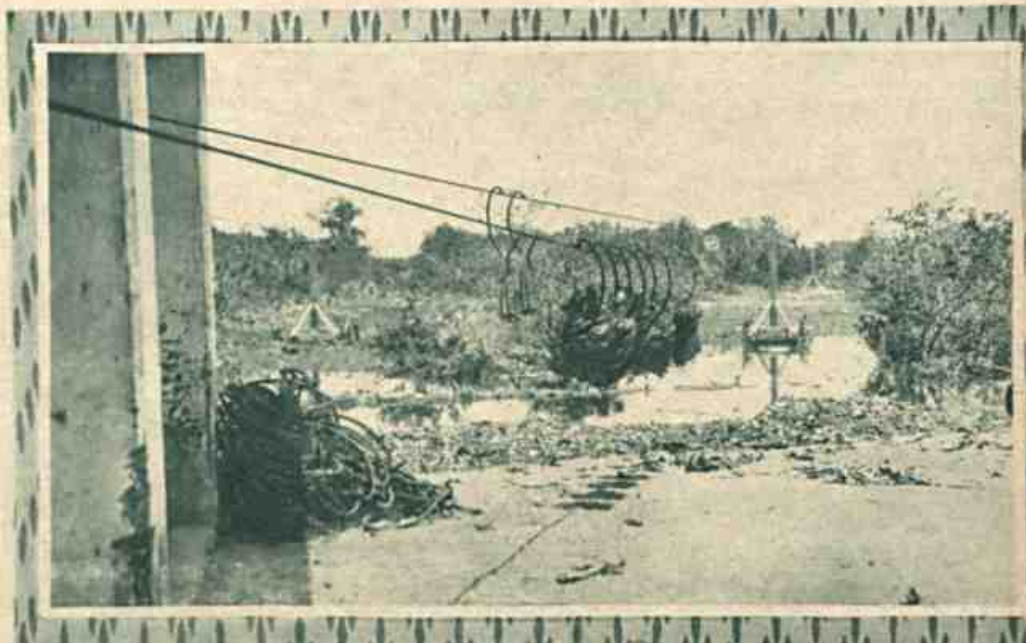
COISAS CURIOSAS

QUE IMPRESSIONARAM OS NOSSOS LEITORES

Quando O MALHO lançou o concurso photographico "O BRASIL DE LONGE" pediu aos concorrentes que enviassem todas as coisas notaveis dos logares onde residissem, para dal-as a conhecer a todos os que o lêem.

As photographias que apparecem nesta pagina nos foram remettidas para aquelle certamen. São todas ellas de coisas curiosas que impressonaram seus remettentes, cujos nomes divulgamos conjuntamente. Coisas notaveis e interessantes que existem por todo esse Brasil de longe...

E' assim que se faz o transporte de couros de boi em Matto Grosso. (Rem. de João Ignacio Quadros).

Um camarada bem tratado... Este bezerro, ficando orphão, foi criado a mamadeira na fazenda da Cia. Taubaté Industrial, onde lhe deram, até esta "ama-seca"... (Rem. da Srta. Hylce Gouvêa — Rio).

Por meio deste engenhoso processo é feito o transporte de bananas em cachos, da plantação ao porto de embarque, ás margens do Iriry, no Estado do Rio. (Rem. de Gualberto Veiga).

Duas "yáras" amazonicas authenticas, surprehendidas num igarapé pelo photographo-amador, que ficou bastante impressionado... (Rem. de Jurandyr Rocha Moreira).

Neste cemiterio, em Palmeira, Paraná, os suicidas não podiam ser sepultados. O cruzeiro, á porta, assignala o tumulo de um desses transfugas da vida. (Rem. da Srta. Amelia Balster).

Um acrobata, o "Homem Vôador", como se intitula, subindo á torre da Matriz de Piracicaba por um simples cabo de aço. (Rem. de J. Armando Furlani).

O CARNAVAL PELOS SALÕES

Baile dos Esfarrapados, no Theatro João Caetano, ao qual compareceu S. M. Momo I e unico.

Baile do Radio, que se realisou no "Yacht Laranja". Foi um successo em ondas curtas!!

Dois aspectos do baile dos "Lords da Tijuca", no Theatro João Caetano. O rei Momo tambem compareceu augmentando a animação.

Dansando em pleno Carnaval

Baile a phantasia na Casa de Minas Geraes.

O animadissimo baile do Atlantico Club, na capital fluminense.

Club dos Quarenta. O baile, que causou successo, foi no Theatro João Caetano.

Carnavalescos da Atlantic Refining Co. que foram dansar no salão do Fluminense. Foi um baile concorridissimo.

Um grupo elegante que augmentou a imponencia do baile do Icarahy Praia Club, de Nictheroy.

Foliões que dansaram uma noite inteira no Grajahú-Tennis-Club.

O MUNDO

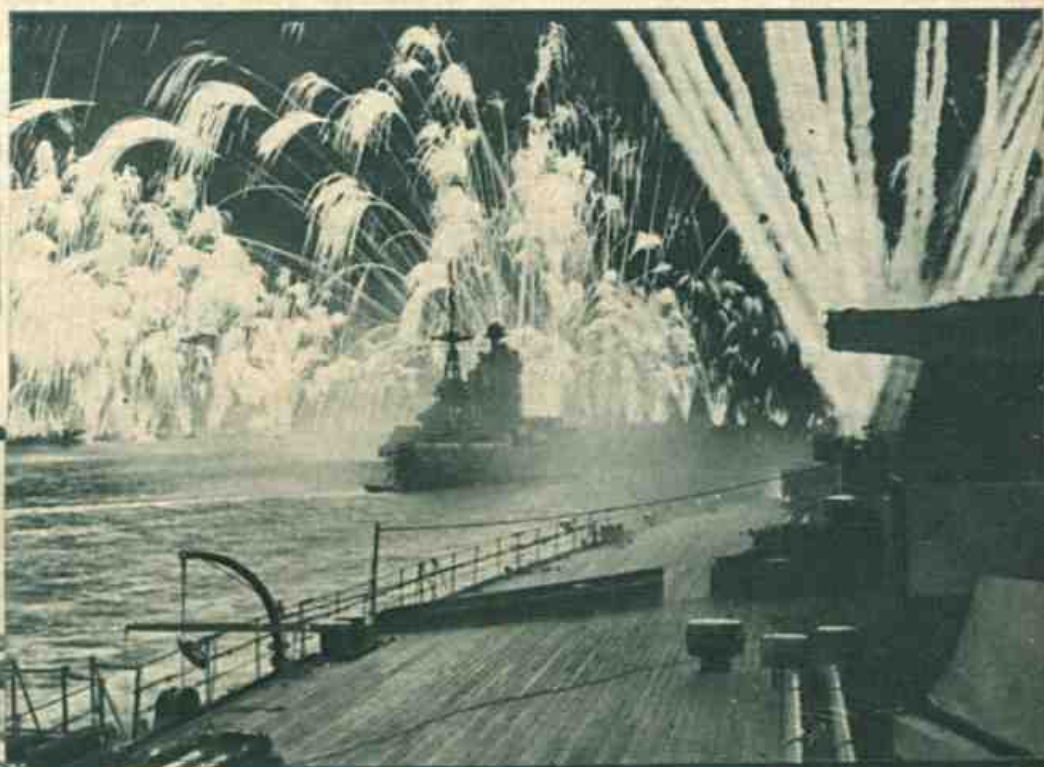
APROVEITANDO A MARE'... — Cahiram chuvas torrenciaes sobre Londres, recentemente. As aguas do Tamisa subiram enormemente inundando a cidade. Uma senhorita, em Maidenhead, aproveitou a enchente, percorrendo, num deslisador amarrado a um automovel, as ruas do arrabalde.

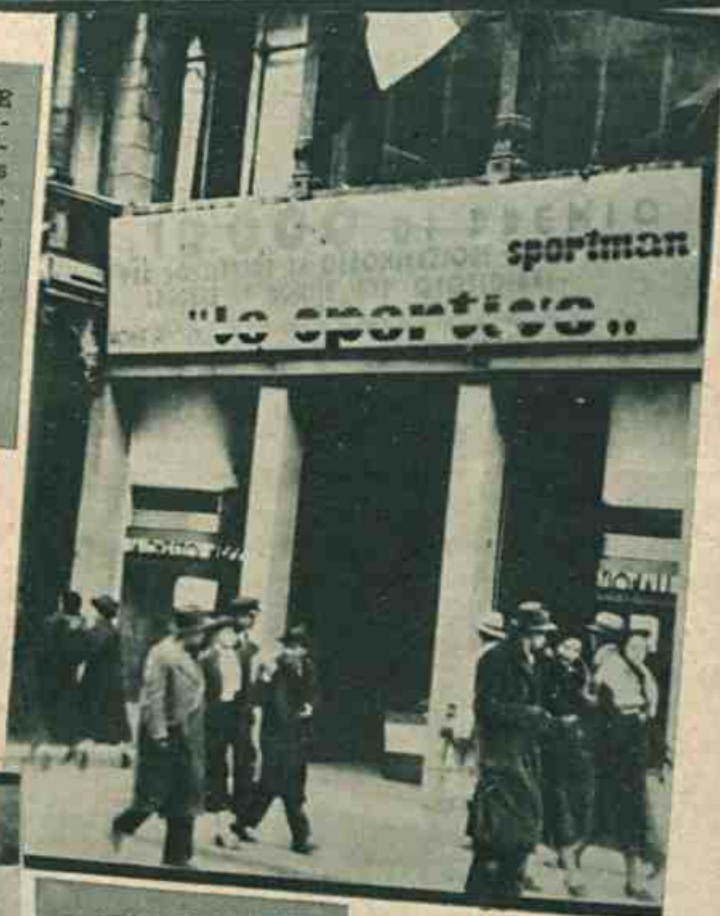
O AMPHIBIO AEREO — No aerodromo de Moscou um aviador procedeu ao enchimento de um novo apparelho de voar que tem a forma de um amphibio. A operação levou 15 minutos. Em cima, o apparelho prompto para voar e, em baixo, o mesmo desmontado.

O SOLDO DOS VETERANOS — Tres dos que se bateram no Congresso americano em defesa dos legionarios, que reclamavam o pagamento dos *bonus* a que têm direito. São da esquerda para a direita, os Srs. Carl Vinson, Ray Murphy, Comm. da Legião Americana, e John W. Mc Cormack.

CASTELLOS DA EUROPA — O Castello de Hardenburgo, (Dinamarca). Pertencente aos condes de Hanzwitz-Reventlow. Ali, segundo disseram aos jornaes, passarão o resto de sua existencia mais tranquillamente...

CASAMENTO ARISTOCRATICO — Na egreja de Saint François-Xavier, de Paris, celebraram-se ultimamente os esponsaes da Srta. Colette Houdemon, filha do general Houdemon, director da base aerea de Le Bourget, com o Sr. Jean Becourt Foch, filho do Generalissimo dos Exercitos alliados em 1914-18.

EM REVISTA

REMINISCENCIA DE UM JUBILEU — Aspecto do encerramento das festividades em Portsmouth, quando se commemorava no Reino Unido o jubileu do rei Jorge V, agora fallecido. O rei e a rainha assistiram a esse maravilhoso espectaculo, de bordo de um navio de guerra.

MARAVILHAS DA SCIENCIA — Uma machina, que registra os effeitos destruidores dos abalos sismicos nos edificios, vem de ser apresentada pelo Sr. C. Ruge ao Instituto de Technologia de Boston. A machina duplica os movimentos dos abalos sismicos fornecidos pelo sismographo. O Sr. Ruge é o que se vê no primeiro plano.

O ATAQUE A' CRUZ VERMELHA SUECA — Segundo um telegramma, os aeroplanos italianos teriam bombardeado a secção da Cruz Vermelha Sueca estabelecida no front ethiope. Um dos membros daquella pia instituição teria sido gravemente ferido, o Dr. Fride Hylander. Aqui se vêem varios membros da Cruz Vermelha Sueca, entre os quaes o Dr. Fride (o 2º, á esquerda, sentado).

CONSEQUENCIAS DAS SANCÇÕES — Em Roma, está-se fazendo guerra ás nações que votaram sancções contra a Italia. A casa "The Sportman" teve que mudar de nome e offereceu um premio de 10.000 liras a quem encontrasse um nome italiano para o estabelecimento.

NEM MASCARAS, NEM MEIAS MASCARAS...

Um grito do sub-consciento... O academico Ataulpho de Paiva quiz ser Petronio ao menos de "tapeação", no Carnaval. E ficou, apesar da cartola, um Petronio da "pontinha!!"

Tres caixas-d'oculos foliões; os Srs. José Americo, Marques dos Reis e Juracy Magalhães, formando uma familia de "retirantes"...

O melhor numero carnavalesco foi o Dr. Herbert Moses, nas Paineiras, onde está veraneando. Carlitos ficou "café pequeno" deante da sua imitação.

HOUVE tanta noticia desencontrada a respeito da prohibição do uso de mascaras no Carnaval que até hoje ainda perduram as duvidas e incertezas. Havia gente desapontada por se ver privada do gôso dos trotes e de outras "cositas mas!..." Havia os revoltados com a medida que achavam ser uma prepotencia mascarada... Então, num gesto de coragem inaudita, resolveram sahir á rua apenas phantasiados, sem mascaras nem meias mascaras, para provar que não eram foliões de meias medidas! Aqui estão alguns flagrantes que a nossa objectiva conseguiu fixar.

E esses tres foliões, que dizem delles? O Washington Pires, o da esquerda, está meio esquerdo; sua e se abana. O Rodolpho Garcia, o da direita, de lança-perfume "Rodo" em punho, parece meio encabulado. Mas, para o Henriquinho Dodswo não ha nada disso: existe apenas Carnaval. E' mesmo um pierrot da fuzarca.

Violão em punho, o Dr. Pontes de Miranda fez successo cantando o "Pierrot apaixonado".

Foi "bancando" a hawaiana que mestre Laudelino Freire se divertiu, e divertiu muita gente. Só não cantou as canções carnavalescas que tinham pronomes mal collocados...

O poeta e tabellião Olegario Marianno "abafou a banca" com a graça das suas maneiras, nesta phantasia simples e bonita...

MANHÃ DE SOL, NO ARPOADOR

Ipanema, com a sua praia immensa e branca, é um prolongamento de Copacabana, em belleza e elegancia. Ella tambem se povôa de sereias audaciosas, e o banho de mar, é tanto mais fascinante, quanto maior é o perigo e a attracção das ondas do mar alto que vêm desfazer-se em espumas na praia maravilhosa. Eis aqui uns instantaneos de um domingo de sol no Arpoador.

PARA A GALERIA DOS "FANS"

Kay Francis — nasceu a 13 de Janeiro de ..., e ha quem saiba?... Fez sua educação em Santa Barbara, Los Angeles e Danver. Seu ideal era ser trapezista. Foi esteno-dactilographa e secretaria de Mrs. Morrow (sogra de Lindberg) Figurando em espectaculos na Academia Superior de Cathedral, em Garden City, acabou por se interessar pelo theatro. Sabendo, certa vez que Walter Huston precisava de uma protagonista, apresentou-se e d a h i a Hollywood foi num relampago. E' rica, bonita, elegante, viajada, pois conhece toda a Europa, adora viajar de avião e se pudesse passaria sua vida no mar. Foi casada 4 vezes e consta que contrairá novas nupcias brevemente com um rapaz que ha 4 annos envia-lhe, diariamente ás 24 horas em ponto, uma bellissima orchidea. Seus proximos films são: "I Found Stella Parrish" e "The Goose and the Gander".

VICTOR FRANCEN — Antes de ingressar no cinema já era um nome victorioso no theatro. Nem todos os artistas do palco conseguem se impôr na téla. — Victor Francen, entretanto, se já era um grande nome do theatro, é, sem duvida um artista maior no cinema. Se é verdade que a cinematographia franceza, em geral, não poude acompanhar o rythmo accelerado que a nova arte teve nestes ultimos 15 annos, não é menos verdade, que todos os films francezes, em que Victor Francen apparece, são trabalhos tão notaveis que os defeitos ou falhas do film em si desapparecem pela luminosidade que o artista dá a seu papel, e a critica, por mais severa ou exigente, tocará em tudo, menos na figura que Victor Francen encarna.

São tão verdadeiras, tão raes, tão humanas, que picadas sangrariam. As revistas cinematographicas que nos chegam do estrangeiro, falam largamente de seus dois ultimos films: "L'aventurier" (O aventureiro) em que elle apparece ao lado desta perturbadora Kissa Kouprine, uma russa muito bonita que se créou em Paris, e que é um "cock-tail" de peccados innocentes; e no grande film "Veille d'armes" (A sentinella) com Anna Bella considerado o seu trabalho maximo, pela critica unanime do mundo inteiro, prodiga em louvores ao grande artista.

Estes films surgirão naturalmente na temporada dos grandes films, e com elles, para goso de nossos olhos e deleite de nosso espirito, a figura soberba de Victor Francen, o maior actor do mundo, quer pise o palco, quer surja na téla. — N.

ARTE PHOTOGRAPHICA

Amanhecer na bahia de Victoria. Ao fundo destaca-se o monte com o tradicional Convento da Penha.

Um trecho da barra de Victoria.

Enseada de Villa Velha, á entrada da barra de Victoria.

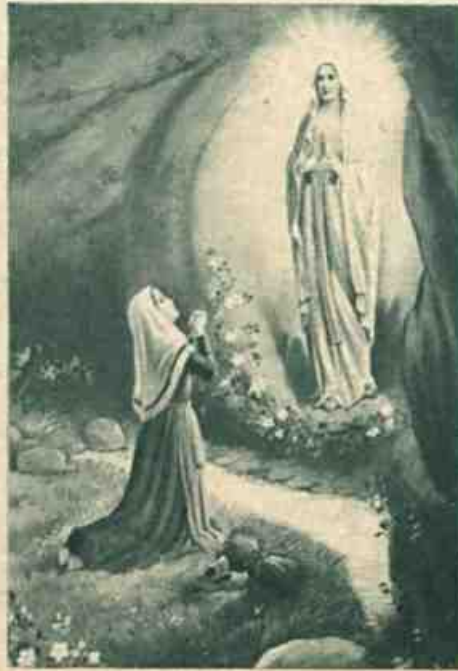
Aspecto da exposição de "Arte Photographica" de Paes, realizada ha dias no Salão da Associação Espiritosantense de Imprensa, em Victoria. Os tres outros aspectos desta pagina são dessa magnifica exposição.

À Gruta do Milagre

A Gruta de Lourdes! A Gruta do milagre! E' nas faldas dos Pyreneos, ás margens serenas do rio Gave, na quieta provincia franceza. Um triplice templo super-posto, em homenagem symbolica aos tres mysterios do Rosario, ergue-se, como uma cathedral de lenda e de sonho, ao lado da outra enorme e massiça cathedral da cordilheira immensa e altissima, que separa, como formidavel muralha, a França da Hespanha. Espelhando-se, reflectindo-se na superficie das aguas crystallinas, arvores gigantescas vegetaes seculares adornam a orla do rio, que deslisa, suave e bemfazejo, fertilizando campos, alegrando searas, fecundando vergeis.

. . . .

Foi dentro desse scenario privilegiado, que, ali por mil oitocentos e setenta e poucos, a Virgem manifestou-se á pastorinha Bernardette Soubirous. Andava a menina a guardar o rebanho dos paes e a apanhar garavetos para o fogão domestico, quando, de repente, se illumina de fulgor sideral uma gruta, que a natureza rasgou no sopé mysterioso da montanha alcantilada e abrupta. Bernadette, tomada de surpresa, volta-se para o local de onde irradiava a luz extranha. E vê uma Senhora de formosura extra-terrestre, vestida de branco e cingida de uma faixa azul. A seus pés, calçados de sandalias ornadas de refulgente pedraria, uma fonte de liquido de crystal começa a jorrar, abundante e preciosa.

O primeiro movimento da pequena pastora é de puro assombro ante a visão inesperada. E ia fugir apavorada, quando nota, mais confiante, que a apparição extranha lhe acena, chamando-a, carinhosamente. Approxima-se e ainda lhe sobra animo para perguntar: "Senhora, quem sois vós?!" E a resposta não se fez demorar, calma e doce: "Eu sou a Immaculada!"

Bernadette, educada na Crença de que a Virgem é a mãe incomparavel e, certamente inspirada pelo Alto, para logo comprehendeu tratar-se de Maria, a progenitora de Jesus, a rainha excelsa de todos os homens. E se ajoelha como deante de um altar e começa o dialogo da creaturinha humilde com Aquella que é a *seder sapientiae*, a propria cathedral da sabedoria. Durante varios dias repete-se a scena tocante. E, então, já não é, apenas, a pastora: é uma enorme e curiosa multidão, que se acotovela deante da gruta para ver e ouvir a Senhora. E todos recitam o rosario.

E as margens do *Gave* e os contrafortes dos Pyreneos valem por um templo, a céo aberto, onde resôam murmurios de preces , canticos sacros, ciclos de orações fervorosas. E começam as romarias de toda a França e de todo o mundo.

A fonte, que brotou mysteriosa dos pés da Virgem, enche piscinas e a agua prodigiosa opera curas e faz maravilhas. Examinada pela sciencia, aquella agua é egual a todas. Augmenta o assombro e se amplia a fama. E cresce a romaria.

. . . .

Hoje — volvidos sessenta annos — Lourdes, o recanto mystico, onde se respira o incenso dos templos, continúa a ser a Gruta do Milagre, o sobrenatural na terra, o altar da Virgem.

O mez de Fevereiro, que é a data commemorativa do grande acontecimento, costuma celebrar o anniversario memoravel com prodigios mais assignalados e romarias mais numerosas, sobretudo no dia onze, quando se registou a primeira apparição, quando brotou dos pés da Senhora, pousados no granito da Gruta, a agua que cura, a fonte que é, na terra, a misericordia viva do Eterno, a benção liquida da Immaculada.

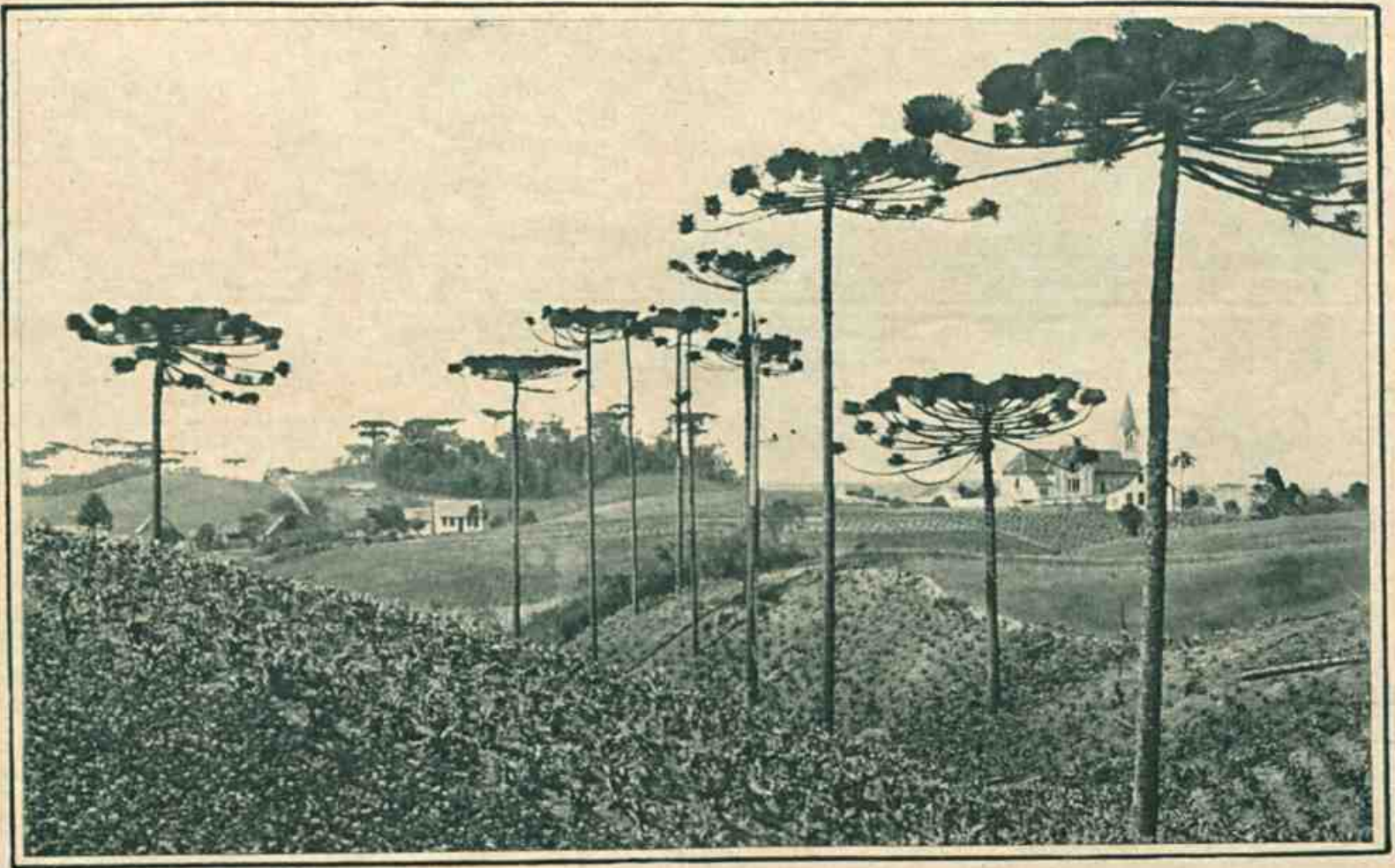
ASSIS MEMORIA

OS "TRUCS" PHOTOGRAPHICOS

Eram dois jogadores só. Mas a partida só teria interesse com quatro parceiros. Então o photographo salvou a situação...

Carregando a si proprio. Quantas vezes, quando nos sentimos p'ra lá de cançados, não teriamos vontade de fazer o mesmo?...

Nosso leitor José Galuf é um veterano amador de photographia. Mas não da arte photographica que se resume em bater a chapa e... mandar revelar e tirar as copias por outrem...

O Sr. Galuf tem sua arte propria e trabalha com verdadeiro interesse de profissional. As duas photographias que aqui reproduzimos são dois optimos *trucs* que dão bem uma idéa do que se póde conseguir em materia de amadorismo photographico.

AO PINHEIRO PARANAENSE

TU, pinheiro hieratico e magestoso que te encastôas no brazão paranaense, e que da terra paranaense para o paranaense céo te ergues como um hymno verde da Natureza paradisiaca — salve!

Pallio esmeraldino das aves e das flores, taça que bebe as derradeiras lagrimas da noite e recebe os primeiros sorrisos da alvorada — salve!

Ainda bem não nascias, pinheiro augusto; ainda as tuas raizes não se aprofundavam no sólo uberrimo; ainda a tua umbella protectora não abria em arco — e já o homem, sem comprehender de tua alma sensivel a expressão sublime, derrubava-te a golpes violentos de machado, na obra da devastação selvagem!

Não era o gigante, que após ter zombado do raio e desdenhado dos temporaes formidaveis, sentia-se cahir orgulhoso e feliz na sua quéda, para se transmudar em banco ou mesa, em leito ou ataúde, em berço ou altar, e, pois, ser util depois de morto áquelles mesmos que o mataram, e aos quaes abençôa esse "feliz cadaver que até cheira bem!"

O que se estrangulava — era a esperança de uma belleza, era a perspectiva de uma utilidade, era a expressão de uma columna hellenica era a ascensão lenta, venturosa, continua, gloriosa, para a luz, para o céo, para Deus... Ainda não desabotoaras em fructos; ainda não te multiplicaras em sombras; ainda não dominaras as florestas e os campos — pequeno e quasi tenro — e já tombavas, com a morte ingloria de nada ter feito do muito que prometteras fazer! E, como contrariando a sabedoria da Natureza, a ignorancia do homem te desaninhava da selva maternal, que é a terra fecunda, antes de bem poderes cumprir o teu sereno e radioso e magnifico destino, que é o de fazer bem a quem te faz mal — tu te deterioravas e apodrecias ao largo das estradas, como corpos abandonados ou leprosos malditos...

Maldito!... tu! ó pinheiro bemdito, que te offereces para o soalho e a cama e a mesa e o banco e a parede e o tecto dos pobres e dos humildes!...

Emfim — graças sejam dadas aos céos bemfazejos! — não mais morrerás a morte ingloria dos inuteis!

Ha uma lei, ainda não revogada — e que crime seria a sua revogação! — que te garante cuidados e te assegura um carinhoso respeito que desconhecias... Já a mão irreverente e impiedosa do homem não te poderá alcançar emquanto não te fizeres "arvore adulta", emquanto não tiveres attingido a, pelo menos, trinta centimetros de diametro — e, assim, não poderás morrer antes de haveres dado sombra e fruto, enlevo e encanto ao olhar do homem e da féra, que te olham e te contemplam, com pasmo extatico e maravilhado assombro.

Livres das chammas das fogueiras, seguros da inutilidade da colera humana, ó sumptuosos pinheiros da minha terra! como pompeareis felizes e senhoreareis altivos as florestas imponentes que são o nosso orgulho, e que valem pela affirmação de um thesouro fabuloso, que se não exgota, e que, quanto mais explorado, mais produz!

Salve, pinheiro glorioso do Paraná!

LEONCIO CORREIA

Homenageando um bemfeitor

Tres aspectos colhidos por occasião da homenagem prest a da pelo Asylo N. S. de Pompéa ao seu grande bemfeitor, Sr. Victor dos Santos, director da Cia. Uzinas Nacionaes, quando passou seu anniversario natalicio, a 5 do corrente, á qual se associou o "Rotary Club", do qual o homenageado é vice-presidente. A homenagem constou da inauguração do seu retrato no Salão Nobre daquella instituição e da offerta á sua Exma. Esposa de um bello e artistico Christo crucificado. Offereceu a homenagem o Dr. Mario Piragibe.

A SERVIÇO DA NAÇÃO — O governo da Republica praticou um acto de rara felicidade, quando nomeou, para o alto cargo de Ministro do Tribunal de Contas, o Dr. Rubem Rosa. A sua actuação, nesse elevado Tribunal, tem sido das mais proveitosas e efficientes, na defesa dos interesses da nacionalidade e justificou, plenamente, a fama de technico em assumpto de finanças e economia, que o Dr. Rubem Rosa conquistára, graças aos seus trabalhos, durante o governo provisorio.

OS NOVOS BACHAREIS — O joven poeta Petrarcha Maranhão, nosso collaborador e brilhante talento da nova geração, que concluiu recentemente, o curso de bacharel da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro.

Sr. Joaquim de Oliveira, residente em Santos, que, como se vê, é um nosso constante leitor.

Enlace Aurora dos Santos Araujo - Paulo Alves Santos.

o homem que não acreditava

NAYME BUSSAMARA

A porta de molas do escriptorio escancelou-se com estrepito e Barboza entrou no seu andar gingado.

— Oh, Zé Luiz. Você já sabe? Vou me casar...

O outro, um moço baixo, de corpo atarracado, o cabello liso a cahi na fronte, parou de escrever e encostou-se sorrindo no espaldar da cadeira.

— E'? O quê rapaz, então vae mesmo se atirar, hein?

Antonio Joaquim Barboza, de pé no outro lado, com um olho fechado por causa da fumaça do cigarro, que pendia indolentemente do canto dos labios, encarava atrevidamente o amigo, bamboleando uma das pernas em descanço.

A primeira vez que José Luiz Miranda travara conhecimento com o Barboza, tivera impressão desagradavel. O Barboza era um moço de corpo cheio, louro, sanguineo, rosto redondo, apparentando optima saude. O que desagradava nelle, logo de inicio, era o modo aggressivo. Tinha uma maneira arrogante de encarar. Dir-se-ia estar insultando, rindo interiormente do interlocutor. Na bocca pequena, no rosto liso, glabro, eram visiveis tambem os signaes dessa arrogancia que incommodava. A voz delle demonstrava tom de commando, de quem quer ser obedecido, rispida, embora expressasse as formulas mais communs de cortezia. O sotaque, caracteristico, o physico forte, bem nutrido, accentuavam-lhe a antipathia do primeiro encontro. Dava a apparencia de um desses desordeiros que, pelo andar, pelo olhar, pela attitude atrevida, pelo sorriso escarninho, está a desafiar os outros.

Não ha cousa mais desagradavel, para quem tem o amor proprio muito á flor da pelle, do que ser menospresado por um olhar, por um gesto ou por um sorriso. Principalmente se o que offende é typo forte e possante.

Essa primeira impressão de Zé Luiz durou muito tempo, no decorrer da amizade delles, antes que pudesse dissipal-a de todo.

Porque o Barboza só tinha a apparencia aggressiva — cousa natural delle, inata, sem nada de estudado, nem intenção de offender quem quer que fosse — verificara Zé Luiz. Era bom rapaz, muito genioso, belicoso, ás vezes, quando o tiravam da sua razão. No mais era folgazão, alegre, sempre bem disposto, bastante affectivo e sensivel.

— E sabe com quem? — perguntára o Barboza, com o seu sorriso escarninho, bamboleando sempre a perna — Com a Lucia...

O outro annunviou o olhar e recolheu o sorriso.

— Com a Lucia?!

Barboza tirou o cigarro da bocca e riu gostoso. Um dos seus prazeres predilectos era preparar peças ou noticias chocantes para os amigos e presenciar as consequencias. Ria, ria até encabular os companheiros.

— Você ri, rapaz — contestou preoccupado Zé Luiz — Você ri. Mas no seu logar não me casaria com a Lucia...

— Ora, ora... Por que? Diga lá? Por que?

— Por que? Porque você já sabe, rapaz! Não lhe contei outro dia, o passado dessa moça? E você ainda quer mais?

Zé Luiz levantara-se da cadeira e dirigira-se ao amigo, que lhe retrucava:

— Potócas. Potócas de roceiros. Vocês aqui no sertão cultivam em alta dose a crendice, a superstição. O que me admira é vêr um homem illustre como você estar ahi com essas coisas. Ora...

— Mas eu vi, homem de Deus! Eu vi, o que é que você quer mais? Não é crendice nenhuma, apenas prudencia.

— O que é que você viu? Umas coincidencias infelizes, nas quaes Lucia de modo algum cooperou...

— Coincidencias cousa nenhuma. Você diz isso porque é um desabusado. Um homem inteiramente incredulo. E eu é que sou o culpado, convidando você para vir passar as ferias commigo.

— Qual! Mas você não precisa ficar triste. Vou-me embora para São Paulo hoje á noite — falou Barboza, rindo.

— Vae embora, mas já fez o que não devia ter feito.

E segurando o outro pelo braço recordou-lhe:

— Quantas vezes, rapaz, quando você começou com a historia de namoro com a Lucia, quantas vezes não lhe avisei?! E vae você e faz isso...

Barboza ria o seu riso escarninho, o cigarro fumegante pendendo dos labios.

— Avisou o que? Pois a moça não é pessôa distincta, educada, amavel, linda, muito linda? Acaso foi ella quem assassinou — Barba azul de saias — os seus noivos? Destino, Zé. Destino. Deixemos de tristeza. Venha de lá um abraço de felicitações...

Sacudindo alegremente Zé Luiz num abraço demorado, despediu-se para sahir. Já na porta ainda falou:

— Pelo sim; pelo não, Zé Luiz, vê se me arranjas uma reliquia immunizadora e milagrosa para eu pendurar no pescoço...

E afastou-se rindo alto, um riso forte, gozado, que deixou Zé Luiz desanimado.

Lucia era uma joven muito bonita. Sympathica, meiga, oscilava entre vinte e cinco a vinte e oito annos. Esbelta, cabellos castanhos, rosto bem feito, de linhas delicadas. Bocca e nariz pequenos, olhos extranhamente a Mirna Loy, orientaes, extranhamente fascinadores.

Havia um destino incomprehensivel na vida dessa moça. Antes de se tornar noiva de Barbosa, já o fôra tres vezes. Todos esses noivados, entretanto, se desfizeram tragicamente numa sequencia mathematica assustadora. Dessas tres mortaes, imprevistos, cousa muito vulgar na vida do homem, sem nenhuma collaboração de Lucia, pelo contrario, com o seu profundo desgosto. Veiu-lhe dahi a crença popular de que a sua influencia era fatidica. Bastava tornar-se noivo de Lucia e sobreviria logo mortal desgraça ao audaz noivo, como tributo, roubando-lhe a vida.

Barboza, que viera passar as férias com Zé Luiz, desconhecendo esses antecedentes, namorara Lucia, apaixonando-se realmente pela moça. Aliás, mesmo que Barboza conhecesse o passado de Lucia, isso não faria conta no caso. Não acreditava nessas cousas. Zé Luiz, genio muito credulo, simples, vivia discutindo com o Barboza a respeito da sua incredulidade. Si calhava vir á discussão, por exemplo, a sciencia do hypnotismo ou transmissão de pensamento, o Barboza declarava desde logo que aquillo para elle era escamoteação.

— Espera, homem — protestava exaltado Zé Luiz — eu assisti muitas vezes...

— Você, nessas occasiões, serviu de paciente?

— Eu não servi, mas vi diversas pessoas...

— Conhecidas, de toda a confiança de você?

— Conhecidas, não, homem, mas...

— Está ahi! Está ahi! Tudo truc. Pois então você não viu logo que essas pessoas estavam de combinação com o homem...

Zé Luiz ficava damnado.

— Você, rapaz, não acredita mesmo em nada. Francamente, é um sceptico.

A proposito da morte accidental dos tres noivos de Lucia, Zé Luiz argumentava a Barboza que a coincidencia impressionava. Ha certos factos que a gente não póde deixar de extranhar. Por que a morte ceifou essas vidas justamente quando eram noivos de Lucia?

— Você raciocina assim por viver nesta aldeia — dizia-lhe o Barboza — Aqui, a morte de tres rapazes, noivos de uma mesma moça, é episodio do outro mundo. Quando morrem noivos ás duzias nas grandes cidades, sem outro alarde que não o das noivas que ficaram á mão.

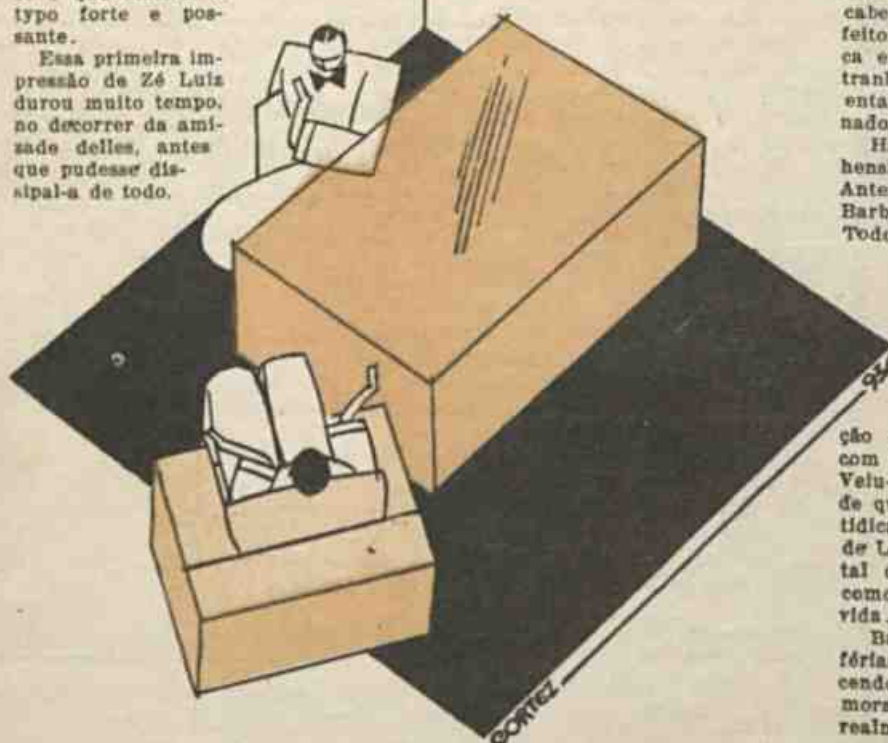
A logica do Zé Luiz fôra, pois, em pura perda e Barboza nessa noite regressou a São Paulo, noivo de Lucia. Ia ditoso. No trem, deitado no leito, o pensamento delle estava todo tomado pela imagem de Lucia. A felicidade daquelles dias que passara junto da moça e que decerto se renovariam no futuro, quando se casassem, essa felicidade tinha sido tão doce, tão pura, que elle se impacientava nervoso, lembrando que o trem o afastava da noiva. Arrependia-se de ter partido. E si a perdesse? E si por qualquer razão não pudesse mais voltar a vel-a?

Esteve uma porção de tempo assim absorvido em reminiscencias e só muito tarde é que conseguiu conciliar o somno.

Nas proximidades de São Paulo, o guarda, que o chamara diversas vezes sem resposta, descerrou a cortina e o avisou de novo:

— Está na hora, senhor!

Accendeu a lampada interior e sacudiu Barboza delicadamente pelo hombro. Só então é que lhe notou pelo contacto a intensa frialdade do corpo. O rosto estava pallido, sem sangue. O guarda, alarmado, palpou-lhe o peito, procurando o coração, e verificou que do interior não vinha mais nenhum som. A viscera mestra deixara de percurtir.

Barboza estava deitado de lado, o corpo meio encolhido, coberto até o hombro e parecia dormir ainda. Nos labios brincava um sorriso meigo, sereno, resquicio fugaz da felicidade entre-sonhada, bruscamente frustrada pelo colapso cardiaco

A PAISAGEM HOLANDESA

Naquelle tempo quando eu ainda contava apenas 17 annos, o unico remedio que eu achava para afastar o tédio que me invadia, durante os longos e ociosos mezes de férias gymnasiaes, era passear. Mas eu o fazia só, porque não tinha nenhum amigo. Então, percorria quasi todas as ruas do bairro onde morava e, ás vezes, não me contentava com isto, e ia procurar os outros bairros tambem. O prazer que nisto achava era apenas reparar nas construcções de casas, então modernas, o que apresentavam de mais interessante e pittoresco.

Na manhã do dia 24 de Dezembro daquelle anno eu sahi, como todos os dias, mas dirigi-me para um bairro que sempre me encantou por ter as casas sumidas entre o arvoredo, dando a impressão de que nellas residiam a Calma e a Felicidade. Andavam pelas ruas tortas e quebradas (era fóra da zona urbana) e respirava o ar embalsamado pelo cheiro do matto que occupava os terrenos vasios, o que me fazia pensar que estava em pleno campo...

Caminhando para a frente, despreoccupado, olhando para os lados, admirando tudo, notei ao fundo de um jardim uma casa antiga, daquellas cujo estylo não se define, tendo ao lado uma espaçosa varanda. Nesta, havia pintada uma paizagem hollandeza que, sendo tão simples, ignoro o motivo por que me prendeu a attenção — um riacho descia pela direita e, em graciosa curva dirigia-se, na base do quadro, para a esquerda, limitando, assim, de dois lados, o campo amarellado de trigo, que se extendia até o horizonte. Umas carroças cheias de palha, ao longe. Um grande moinho de vento, ao lado de humilde casinha. Camponezes indo e vindo do moinho para a casa, carregando saccos cheios. E, sentada á porta da casa, uma hollandeza com o seu avental de côres, e seu chapéo de abas reviradas. Era tão linda... Mas seu ar melancholico entristeceu-me.

Tentei continuar o meu passeio, mas pareceu-me que a triste donzella me fitava com insistencia. Assustei-me, a principio, com isto, mas depois achei-me ridiculo por julgar tal coisa, e continuei andando até que, cansado, voltei para casa. Mas a cada momento vinha-me á lembrança aquelle quadro, como em cinema — focalizada só a imagem da camponeza, e o mais embaçado.

A' tarde, mal o sol se poz, a lua cheia appareceu, bellissima e immensa, e começou o seu labor de pulverizar sobre a Noite todas as riquezas que trouxe do seu palacio maravilhoso. E as nuvens brejeiras se regosijaram, por que, cada vez que por ella passavam, roubavam-lhe um pouco de sua côr, e pintavam-se com o seu luminoso pó prateado. E tanto o fizeram que, quando ella estava no meio do caminho, lá no alto do céo, já estava bem menor.

Sahi para mais uma vez apreciar todo o encanto de uma noite de luar, que nunca é velho, e que a gente não se cansa de ver. Procurava as ruas menos illuminadas, onde a lua, que ama a noite, pudesse mostrar-se mais livida. Não cuidava de saber por onde passava, e qual não foi o meu espanto quando me vi deante da casa que encontrara pela manhã!

Era noite de Natal. Em todas as casas havia presepios e Arvores de Natal, sendo costume fazerem-se visitas mesmo a familias desconhecidas, para admiral-os. Não deixei passar a occasião e dispuz-me a entrar naquella, para ver de perto o quadro, e conhecer quem lá residia. Já era quasi meia-noite, mas as suas luzes estavam accesas e, portanto, a hora não me dissuadiu disto.

Abri o portão, avancei pelo jardim. Quando, porém, attingi a varanda, soava o relogio as 12 badaladas, e deu-se um facto prodigioso! — O quadro tomou vida, e movimentou-se! O que estava no mesmo plano da parede, apenas separado pelo effeito de sombras e cumprimentos, distanciou-se realmente! As figuras tomaram o tamanho natural, e continuaram seu trabalho, ao som do gemido do moinho, que girava! O riacho continuou sua cantiga alegre de creança... E eu, attonito, entrei por aquella paizagem hollandeza...

Então, a linda camponeza levantou-se e tomou-me pela mão. Muda, recommendando-me silencio, levou-me para dentro da casa e mostrou-me um bello e simples enxoval de noiva, os preparos para uma grande festa, e, no seu dedo annular direito, uma alliança. Trazendo-me para fóra, deu-me a entender que os que estavam trabalhando eram seus irmãos. Depois, mostrou-me, no banco onde estivera, dois logares e, voltando-se para mim, teve a expressão da maior angustia. Olhou, vagamente, para todos os lados, como a ver si descobria alguem, por quem esperava muito tempo, e já não acreditava que viesse mais.

Oh, meu Deus! Eu tudo, então comprehendi! Ella era noiva, e seu futuro esposo não fôra posto ali, ao seu lado, pelo pintor!... E comprehendi por que seu aspecto era tão desconsolado, tão triste...

Já havia passado, mais ou menos, uma hora que eu estava ali. Quiz sahir, mas só o consegui quando os gallos começaram a cantar. Só, então, é que tudo voltou ao estado normal e eu, desorientado, me vi novamente na varanda da casa, onde tudo era silencio e quietude.

Voltei para a casa, mas antes tive o cuidado de ler a assignatura de quem fizera aquelle quadro. E veiu-me á mente: o pintor já morrera havia uns dois annos.

Passado um mez, por espantosa coincidencia, vagou aquella casa, e para lá nos mudámos. Disse a meu pae do desejo que tinha de mandar completar aquelle quadro, no que fui attendido.

E — caso estranho! — desde então, o semblante daquella hollandezinha é de uma felicidade infinita...

JULIO DE GERSON

SAMUEL

J. A. BRAGA

QUANDO eu fui avisado do suicidio do meu amigo Samuel, não dei credito. Pensei que fosse mais uma das suas piadas. Pois se ainda na vespera estiveramos juntos, á hora do "cocktail" e falaramos acerca de que roupa usariamos para a festa do dia seguinte. Smoking ou "Dinner-jacket"? Smoking é muito quente, opinou elle, vamos de jaqueta. E combinamos.

Samuel e eu, sempre foramos assim unidos. Consultavamo-nos sobre qualquer cousa que desejassemos fazer, ouvindo sempre com interesse a opinião, um, do outro. Embora de tudo elle fizesse motivo para uma nova pilheria, porque brincalhão assim, bem poucos.

A primeira pilheria do Samuel que deu em coisa seria foi o seu noivado. Parece que estou vendo ainda a sua cara risonha querendo impôr respeito, quando dizia: —

— Sabe Paulo, vou me casar!

— Essa é boa, "gringo"! (Nós lhe tinhamos posto este apelido por causa de sua cabeleira muito loira). Pra cima de mim com essa historia de casamento! Escuta, a noivinha ainda usa bigodes?

E elle, num esforço medonho para se fazer serio:

— Não brinque que é verdade!

E era mesmo. O Samuel lá ficou noivo official de uma nossa antiga conhecida, moça de excellente familia, bonita, e formando os dois um op'mo par, como se costuma dizer.

Comtudo, o noivado em nada alterou a nossa antiga camaradagem, e se antes iamos os dois aos cinemas e ás festas, passamos então a ir os tres.

Alice, a noiva do meu amigo, sempre fôra uma creatura a quem nós ambos admiravamos, desde que a encontraramos, muito tempo antes, numa festa do "Esperia". Nunca supuz, porém, que aquella boa amizade de amigos desse em casamento. Mas deu. Pelo menos em noivado, e só não houve casamento porque a morte ceifou a vida do melhor dos meus amigos, armada pelas proprias mãos delle.

Mas, como dizia, tinhamos combinado ir á festa de "diner-jacket", e estava eu dando o laço á gravata, quando chamaram-me ao telephone, da casa de Alice, com urgencia.

Samuel devia passar antes pela casa da noiva que tambem ia á festa, e depois por minha casa de onde sahiriamos os quatro para o "Esperia". Digo os quatro porque minha irmã tambem ia. O telephonema urgente, por isso não me apressou. Decerto seria elle perguntando se eu já estava prompto.

Apanhei o phone de sobre a mesa:

— Alô, é Raul falando.

Do outro lado do fio, a voz angustiosa da mãe de Alice tartamudeou:

— Depressa, Raul, Samuel suicidou-se aqui...

— Como disse? Alô, alô!

Cortaram a ligação. Por segundos pensei numa pilheria e cheguei mesmo a descobrir naquella voz angustiosa uma semelhança com a voz do Samuel, fingindo-se outra pessoa. Mas, foi só por segundos. Voei para um taxi da esquina, e em dez minutos estava á porta da casa de Alice.

Fui enveredando casa a dentro, e de passagem pelo "hall" ouvi alguem que clamava por um medico, depressa.

A porta do quarto de Alice, estava aberta, e no fundo do aposento, no seu pequeno leito de solteira, perfumado e branco, o corpo do meu amigo ainda com vida.

Alice, se bella sempre fôra, mesmo naquelle momento doloroso, em que a dôr a attingia profundamente, estava linda. Nem sei mesmo como cheguei a observar esses detalhes. Tinha a cabeça delle em seu collo, apertada contra o seio, e falava baixinho palavras incoherentes, repassadas do mais profundo desespero. E, no seu vestido branco de baile, discretamente decotado, a mancha do sangue que se desprendia do ferimento a bala na fronte direita do Samuel, crescia rapidamente.

O abrupto do acontecimento, aquella scena de horror e tristeza, fez-me parar a meio do quarto atturdido.

Cheguei-me ao leito, depois, e tomei a mão de Samuel. Queria dizer-lhe uma palavra de conforto, ao menos, e a voz fugia-me.

Elle, abriu os olhos de manso, e fitou-me. Depois, olhou a noiva, e balbuciou baixinho:

— Perdôa-me, Alice... foi inevitavel... sempre lhe quiz muito... um dia você saberá... não posso...

Parou de subito. Uma convulsão abalou-o e no canto dos labios afluiu sangue. A respiração foi afrouxando e os olhos tornaram-se baços. E fazendo um novo esforço:

— Raul, cuide della... Alice... Meu Deus...

Nova convulsão agitou-lhe o corpo. Os membros se retesaram num derradeiro esforço. E foi tudo.

Alice cobria de beijos a face de Samuel, dizendo-lhe as mais incoherentes phrases, e foi só a muito custo que eu consegui arredal-a daquelle corpo a que em vida nos ligaram tão fortes laços. Pobre Samuel, que motivo o levara a tamanho desespero!

—:o:—

Correram dezoito mezes. Alice continúa a falar em Samuel com a mesma affectividade dos primeiros dias após o desenlace. E eu sei que ella guarda religiosamente o colar que usava naquella noite, ainda manchado de sangue. E, muita vez, no silencio das noites, toma-o carinhosamente entre as mãos, e toca-lhe as perolas, os olhos lacrimejantes, murmurando baixinho:

— Samuel, porque fizestes isto? Porque? Poderiamos ter sido tão felizes...

—:o:—

As razões que levaram o meu amigo áquelle gesto de extremo desespero ficaram inexplicadas até o dia em que uma nova tragedia feriu sua familia.

Dezoito mezes após sua morte, e no mesmo dia e na mesma hora, sua mãe suicidava-se com um tiro na fronte, deixando uma carta ao esposo, carta que eu li nervosamente, revivendo os ultimos momentos do filho, e sentindo, então já dono da verdade, esse desgosto intenso de sabel-a criminosa, emquanto crescia a admiração pelo meu bonissimo amigo, pelo Samuel que preferira a morte á vergonha daquelle crime que elle testemunhara, e a impossibilidade de contal-o á mulher a quem iria unir-se mais tarde. E sua mãe suicidava-se roida pelo remorso que a atormentara implacavelmente durante aquelles dezoitos mezes, e em sua carta, onde todo o seu estado de extremo desespero se reflectia, confessava o seu erro, de que resultara a morte do filho.

Só assim eu pude saber bem o "porque" daquelle acto do Samuel. Não obstante o segredo daquella carta escripta á beira do tumulo, ficou commigo e com o esposo que tambem morreu poucos mezes após, minado por um desgosto profundo.

Naquella noite do baile, para o qual alegremente combinaramos detalhes na vespera, Samuel depois de prompto, foi fazer hora á casa da noiva de onde viria buscar-me depois. Por uma dessas fatalidades de que está cheia a vida da gente, elle esqueceu em casa o convite e teve de ir buscal-o. Seu pae viajara para o interior, dois dias antes, de modo que elle notou com muita extranheza um sobretudo desconhecido, dobrado ao meio em cima de uma das cadeiras do "hall". Parou, chocado, e de momento, uma duvida terrivel chicoteou-lhe o cerebro. — Seria possivel?

Correu casa a dentro e abriu num rompante a porta da alcova de sua mãe.

— Canalha!

—:o:—

Meu Deus como era possivel aquillo! Então poderia um coração de mulher abrigar tamanho fingimento. A mesma bocca que o beijara, momentos antes, com o carinhoso — "boa noite, meu filho, diverta-se" — entregava-se sem mutação aos beijos do amante! A mesma mulher que lhe amparara os primeiros passos e que elle apprendera a amar como a mais santa das creaturas! E agora, que horror!

Foi ao seu quarto, estonteado, agindo sem consciencia, num desespero tremendo, com uma pergunta a martelar-lhe o cerebro: — E se Alice soubesse...

Sobre a meza de cabeceira junto a um pequeno revolver Colt estava o convite. Apanhou o revolver e enfiou-o no bolso. Esforçava-se por reflectir, por pensar com calma no que poderia fazer. Mas as idéas convergiam sempre para um mesmo fim: Alice. Era necessario que ella não soubesse. Não teria coragem de olhal-a depois. Mas, como evitar? Um dia, por força, ella saberia de tudo e saberiam tambem os vizinhos, a cidade inteira, emfim. E se matasse sua mãe. Apertou as temporas com as mãos fechadas como querendo esmagar o pensamento. Não, não tinha animo, não devia!

Voltou do quarto lentamente, de cabeça baixa, transmudado, abatido. Quando passava pelo "hall" sua mãe cahiu-lhe aos pés, soluçando:

— Perdôa, meu filho, pelo amor de Deus, perdôa...

Avançou a mão para o revólver e ao tocal-o, puxou-a depressa. Desvencilhou-se della sem brutalidade, sem olhal-a e falou quando se afastava:

— Porque fez aquillo? Só não a matto porque é minha mãe.

—:o:—

Alice contara-me que elle chegara quando ella arranjava os cabellos defronte do espelho. Não lhe reparara a physionomia alterada. Nem a voz tremula. Nem as maneiras differentes. Só uma cousa elle fez pela primeira vez. Foi entrar no seu quarto que dava para a sala de jantar e cuja porta estava aberta. E sentou-se no seu leito, sem que ella se tivesse voltado para olhal-o, absorta que estava no arranjo da cabeleira. E ia dizer-lhe que estava quasi prompta quando elle falou.

— Alice, eu queria pedir-lhe uma cousa.

— Que é, "gringo"? (Ella tambem chamava-o "gringo" muitas vezes)

— Deixe-me beijal-a.

Sem soltar o ferro com que estava ondulando os cabellos, caminhou até elle e beijou-o na bocca, sem achar estranho que elle não se houvesse levantado da cama, e tivesse os labios quentes como fogo.

— Era só, "gringuinho"? Eu terei a vida inteira para beijal-o.

Naquelle instante, sua mãe chamou-a da cozinha para tomar o copo de leite que lhe preparara. Deixou-o no quarto, na mesma posição, e no momento exacto em que levava o copo aos labios, lá fóra um tiro espoucou, quebrando num rompante sinistro a quietude do ambiente.

— Que foi isso, Samuel?

Mas não veio resposta. Porque Samuel preferiu perder a grande felicidade que o esperava, no circulo amoroso dos braços de Alice, a affrontar a vergonha que o erro de sua mãe lhe lançara ao rosto.

Joseph Balsano, o conde de Cagliostro famoso rejuvenescedor.

A MACHINA DE RESUSCITAR A VIDA

Por DE MATTOS PINTO

O jornal **Le Matin** divulgou a descoberta de um apparelho para resuscitar os corações mortos. O doutor Hyman, medico norte-americano, inventou uma agulha, cuja ponta penetrando nos ventriculos do coração, imprime a b a l o s electricos perfeitamente rhythmados, analogos ás pulsações normaes do orgão. Nas duas mil experiencias, realizadas em animaes mortos, o apparelho do medico Hyman falhou uma só vez, os resultados sendo excellentes nos demais casos. O sangue recomeçou o movimento, os pulmões volveram a funccionar e a vida se refez no corpo inanimado. O inventor da machina de resuscitar, deseja apreciar os effeitos da sua descoberta, no cadaver do homem. Nesse sentido, o doutor Hyman appellou para os parentes dos moribundos, afim de applicar na creatura humana, a machina da vida eterna. A possibilidade de tão monumental descoberta, que viria repellir as noções habituaes da chimica cellular, evoca o desenvolvimento das idéas sobre a existencia, thema immortal do do mysticismo. Que é a vida? Que é a morte? Em torno desses dois symbolos inexoraveis, gravita a melancolia das gerações, que vivem e que morrem, sem comprehender o sentido da vida e a finalidade da morte.

Alguns seculos passados, na epoca luminosa, em que a dialectica predominava na philosophia com Descartes, Spinoza e a especulação contaminava a sciencia com Leibnitz e Malebranche, o trancendentalismo fizera da morte, o theorema insuperavel da metaphysica. Ninguem se entendia. Os psychologos architectavam castellos de idéas, os moralistas construiam pyramides de palavras, e a sciencia cedera logar ao verbalismo, que se julgava capaz de illuminar a penumbra da vida. Hoje, só os poetas da ignorancia falam com vagas expressões, na derrocada da existencia. O crepusculo da vida fez Cicero meditar sobre a velhice, levou Saint-Germain a procurar o elixir da longa vida, deu fama a Cagliostro, com a sua tintura da juventude, inspirou o quadro memoravel de Lucas Granach, suggeriu a Varonoff a idéa dos enxertos glandulares. Se ainda se póde balbuciar com Lauvergne, mysticamente, que a morte é um phenomeno natural e inexplicavel, como o phenomeno da vida, nem por isso os biologistas usam nos laboratorios, a gaze da fantasia e de superstição. Dos orgãos humanos, qual o primeiro a morrer? Reveillé Parisse procurou demonstrar, que é o apparelho respiratorio, onde primeiro se manifestam os phenomenos do enfraquecimento vital. No seu calculo, o homem consome por hora, quarenta grammas de oxygenio, por dia, novecentos e sessenta grammas, trezentos e cincoenta mil kilogrammas por anno. Quando o pulmão se enfraquece, não decompõe bem o ar respirado, o sangue se despoja dos seus principios estimulantes. Parisse especificou o pulmão, como a causa da velhice. Outros quizeram vêr na accumulação do phosphato calcareo, a origem da senilidade. Pertence a Cazalis, a sentença classica, de que o homem tem a idade das suas arterias. Michel Levy chamou á esclerose, verificada por Demange em 1886, de petrificação humana, antecipando a imagem do sepulcro.

Cerise, um dos commentadores de Bichat, julgou a vida mais facil de conceber e mais difficil de definir. A vida apparecia ao espirito de Cuvier, caracterisada pelos phenomenos de assimilação e de eliminação, emquanto Burdach imaginava-o o infinito no finito, o todo na parte, a unidade na pluralidade. Pasteur já havia ensinado, que o estudo da biologia humana nos conduz á convicção de que a vida preside ao trabalho da morte em todas as suas phases. Em seus trabalhos notorios, Molleschott e Buchner provaram, que de sete em sete annos, o corpo se renova integralmente. Em linguagem simples, mas definitiva, eis a verdade. De sete em sete annos, a individualidade biologica morre e renasce. O homem de sessenta e tres annos, idade razoavel nos nossos dias, nasce e morre nove vezes, biologicamente. Metaphora? O homem vive porque morre.

Todos os dias, as cellulas se desfazem em nosso corpo. E' o anniquilamento fragmentario dos tecidos, que facilita a permanencia da vida. A existencia biologica sobrevive á custa da morte cellular. Um globulo de sangue vermelho vive no maximo duas a tres semanas. Os globulos brancos, os leucocytos, os phagocytos, vivem ainda menos, uma existencia de algumas horas. Em 1924, o japonez Ona observou que todos os dias morrem milhões de globulos vermelhos, equivalendo a cem centimetros cubicos de sangue. O embryogenista C. Sedwigk Minot vê a morte resultando da propria lei do desenvolvimento, as causas chimicas da morte se confundindo com as causas do desenvolvimento. Henry de Varigny vae mais longe, elle admitte que a vida começa a diminuir mesmo antes de nascer. Que é a vida? Que é a morte? Dois episodios da natureza, na variedade do Universo.

DEPOIS QUE A MULHER DEIXOU DE SER BONECA...

A Lua de Mel devia ser antes do casamento...

Ou melhor, o casamento devia ser depois da Lua de Mel...

Porque assim não se tem feito, porque assim se convencionou que não se devia fazer, é que o casamento tem trazido, por este mundo afóra, desde que o inventaram, tanta complicação á vida das pessoas...

O matrimonio é meio assim como a Primavera. No inicio, tudo são flores. Mas os mezes vão passando e as estações vão mudando... Quando no casamento se começa a dobrar do outono para o inverno, aí é que se entra a ver de perto o que êle vale...

A ligação conjugal, segundo a fórma juridica que o velho Direito Romano corporificou, legando-a á humanidade, não póde mais prevalecer.

Isso foi muito bom lá no tempo do Imperador Justiniano.

Hoje, caducou.

E se Justiniano resuscitasse seria, talvez, o primeiro a escandalisar-se de que tantos seculos decorridos — na hora do zepelin, do jazz-band, do radio, do cinema falado, do avião, do telefone sem fio, do arranha-céo e do submarino — o mundo ainda se conserve tão atrazado para certas cousas...

O casamento continúa existindo como uma tradição. Alguns dirão: continúa existindo porque atualmente as pessoas não lhe ligam mais grande importancia. Para que então bulir com êle? E' deixá-lo socegado, que um dia, quando menos se esperar, acabará desaparecendo...

A vida moderna é agitada, instavel, trepidante, sendo a volubilidade uma das carateristicas dos nossos tempos.

Tudo o que dura, logo se torna aborrecido, enfastiante!

A gente quer é mudar todo o dia. Ver cousas novas. Panoramas diversos. Emoções diferentes...

A esta altura, o casamento dá, assim, a impressão de um desses velhos que ainda usam "croizé" com calças brancas, botinas de elastico e chapéo de pêlo. E' respeitavel, sem duvida. Apenas, não está na moda... Porque o casamento, por exemplo, não se celebra a pequenos prasos? Digamos assim: cinco anos. Sem que o contrato possa ser renovado.

Não seria pitoresco?

Porque a Lua de Mel não é antes do consorcio, mas depois, quando, se um não gostar do outro, será uma complicação das mais aborrecidas para reparar-se o máo golpe?

A Lua de Mel não é uma sobremesa. Deve ser uma experiencia...

Quando duas pessoas estão pensando que se darão bem durante algum tempo, proporcionando-se, reciprocamente, alguns instantes de uma vida agradavel, deviam poder tirar a prova da Lua de Mel.

Se désse certo, bravos! Se não désse, evitar-se-ia uma ligação que ia sair errada... Seria muito mais pratico assim! Pratico e logico.

Emquanto, porém, não se muda o que está feito, a evolução vai se operando com muito maior eficiencia do que se imagina... Em primeiro logar, depois que a mulher deixou de ser boneca, ficou-se vendo que amor e casamento podem andar juntos ás vezes, mas é dificil. São duas cousas que não têm nada que ver uma com a outra...

Em seguida ha que se tomar em atenção, numa época que dista mais de cem anos do romantismo, que aquele amor eterno e unico de que falavam os nossos avós, aquilo ou era poesia ou conto de fada...

HEITOR MONIZ

Ilustração de Cortez

Senhorita ...

"Liseuse" de crepe setim azul doce, ajustada á cintura por meio de grande laçada. As mangas são completadas por um folho de renda talhada em "godet" farto.

No vestuario feminino ha peças graciosas.

As de "lingerie" — aqui, aliás, em alguns modelos — prestam-se a fantasias que a Moda explora num luxo de multiplicação fabulosa.

Rendas, tacos de tecido, ruches, pregas, fôfos, motivos de velludo, de florinhas, missangas, arminho, pêlo de lontra, tudo está collaborando para guarnecer com-

Camisas de dormir — Da esquerda para a direita: "voile triple", rosa, trabalho symetrico de nervuras, fôlho plissado na beira da gola e na da saia; crêpe setim verde agua, renda Racine como enfeite; "voile triple" amarélo pinto novo, guarnição de renda ocre, faixa de "foulard" amarélo, pintas "marron".

binações, calças, camisolas, "liseuses, robes de chambre", peças indispensaveis no "chiffonnier" da mulher elegante.

Ha, porém, um enfeite que figura, hoje, em primeiro plano: a renda.

Não só volta a delicada trama a guarnecer a "lingerie" do corpo, como tambem a de cama e mesa.

Renda — é maravilha de finura, requinte de bom gosto.

SORCIÈRE

"Travailleuse" de setim acolchoado

Como Vestem as "Estrellas" do Cinema

Chapéo de palha branco, guarnição de renda de filé.

Ann Sheridan num lindo vestido de organdi "marron" e branco, forro "marron", de "taffetas".

Bette Davis, da Warner Bros, vestida de "taffetas" preto e branco.

Alpercata de setim — para de noite — sapato esporte, de camurça branca e pelica "marron"

Bello vestido de seda lavrada — para "soirée" de luxo.

Bette Davis apresenta elegante costume de "marocain" preto, chapéo branco, de velludo, lenço branco listrado a côres — Traje de meia estação.

CAPINHA COM CAPUZ PARA CRIANÇA

Esta bonita capinha é executada em lã zephyr Jeannette; ligeiramente mais grossa que a lã zephyr. Usar uma agulha cujo gancho deve ter 13 millimetros de circumferencia. Nosso modelo é executado num lindissimo ponto de abelha com listras em relevo que dão uma grande finura ao trabalho, ficando o conjuncto muito delicado.

Começar o trabalho pela golla (fig. 4). Fazer 80 tranças soltas, pular 2 malhas, fazer 1 laçada sobre cada malha, ou sejam 78 laçadas. 40 centimetros de largo). *Segunda carreira*: no ponto de abelha 2 malhas soltas. Nota: As duas malhas soltas deverão sempre substituir 1 laçada. Fazer 1 laçada montada na segunda laçada da carreira anterior passando a agulha pelo lado do avesso do trabalho (fig. 4), que mostra o trabalho ao ser executada 1 laçada montada tomada do lado do avesso, ver a flecha que designa o logar por onde a agulha deve passar do lado do avesso). Fazer uma laçada egual sobre a laçada seguinte, depois 1 laçada montada passando a agulha sob a laçada seguinte da carreira precedente do lado direito do trabalho (fig. 5 que mostra claramente a maneira de fazer esta laçada. A flecha indica onde deve passar a agulha para fazer a laçada montada do lado direito). Repetir sem cessar estas 3 laçadas e terminar a carreira fazendo uma laçada montada passando a agulha sob as 2 malhas soltas da carreira precedente. *3ª carreira*; 2 malhas soltas, fazer 1 laçada montada na 2ª laçada da carreira precedente passando a agulha do lado direito do trabalho. Fazer a mesma laçada sobre a laçada seguinte. Depois fazer 1 laçada montada passando a agulha do lado do avesso sob a laçada seguinte. Repetir sem cessar estas 3 laçadas. Terminar a carreira por 1 laçada montada sobre as 2 malhas soltas da carreira precedente. O ponto se completa nestas 2 carreiras que é preciso repetir sem parar. Em cada uma das 3 carreiras seguintes, é preciso fazer um augmento. O primeiro augmento é feito sobre cada laçada em relevo que forma o lado direito. *4ª carreira*: 2 malhas soltas, 1 laçada montada sobre cada 2 laçadas presas pelo lado do avesso, depois 2 laçadas montadas tomadas juntas do lado do direito na laçada seguinte. Estas 2 ultimas laçadas formam o augmento (fig. 4). Repetir sem cessar estas 4 laçadas. Terminar por 1 laçada montada nas 2 laçadas montadas. Contam-se 103 malhas nesta carreira. *5ª carreira*: 2 malhas soltas. Fazer 2 laçadas montadas tomadas do lado direito, 1 laçada montada tomada pelo avesso, 1 laçada montada entre as 2 laçadas juntas da carreira precedente. Esta ultima laçada forma o augmento, 1 laçada montada tomada do lado do avesso sobre a laçada seguinte. Repetir sem parar estas 5 laçadas.

Terminar a carreira por 1 laçada montada sobre as 2 malhas soltas. Isto completará 128 malhas. *6ª carreira*: 2 malhas soltas, 2 laçadas montadas tomadas do lado do avesso, 1 laçada montada tomada do lado do direito, 2 laçadas montadas tomadas do lado do avesso sobre a laçada seguinte, esta formará o augmento; 1 laçada montada tomada do lado do direito sobre a laçada seguinte. Repetir sem parar estas 6 laçadas e terminar a carreira por 1 laçada montada sobre as 2 malhas soltas, o que dará 153 laçadas nesta carreira. Retomar sem cessar a 2ª e a 3ª carreiras, fazer ainda 7 carreiras, o que dará 13 carreiras ao todo. Fazer novamente 2 carreiras de augmento sobre cada laçada em relevo, ver 4ª, 5ª e 6ª carreiras. Na 16ª carreira haverão 307 laçadas. Repetir sem cessar a descripção da 2ª e da 3ª carreiras.

Fazer o numero de carreiras necessario para perfazer uma altura de 50 a 60 centimetros ao todo. A *pèlerine* deve ter de 150 a 155 centimetros de largo. Fazer a renda que se compõe de 3 carreiras:

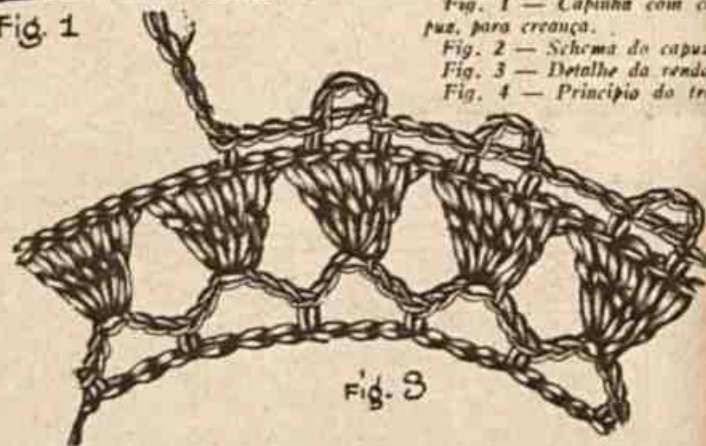
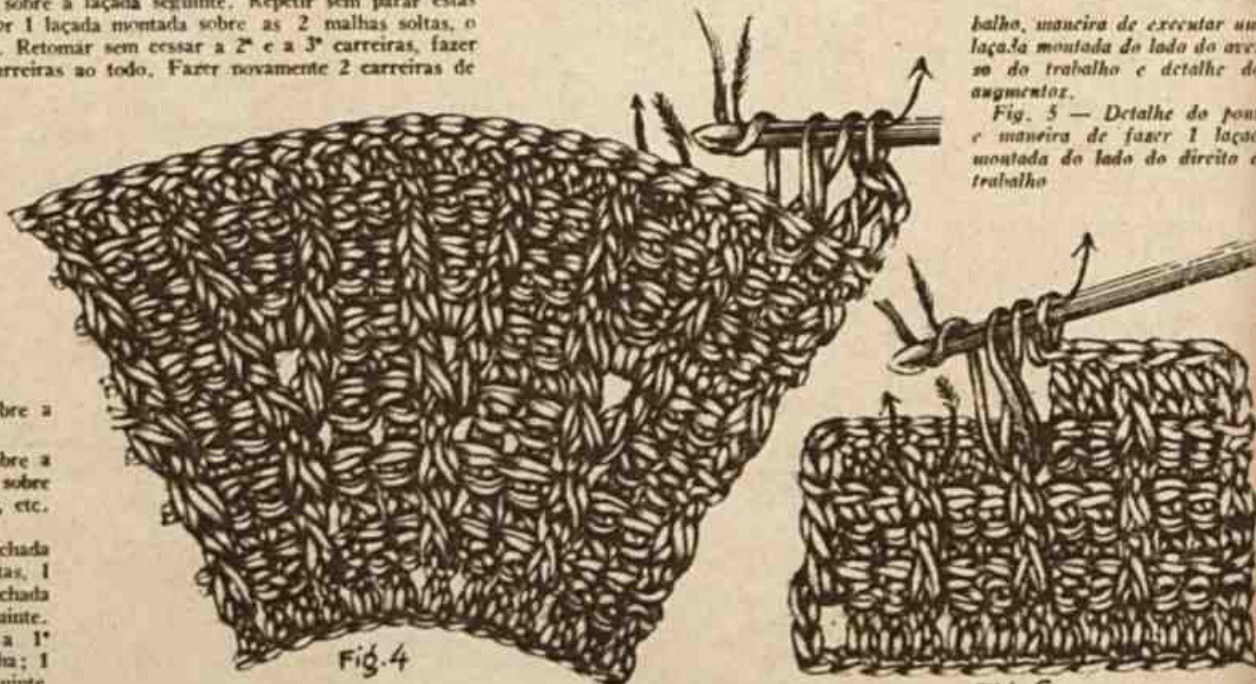
1ª carreira em seda branca, azul celeste ou rosa, 1 malha fechada sobre a primeira malha, 5 malhas soltas, 1 malha fechada sobre a 3ª malha seguinte, etc.

2ª carreira em lã, 5 laçadas sobre a 3ª das 5 malhas soltas, 5 laçadas sobre a 3ª das 5 malhas soltas seguintes, etc.

3ª carreira em seda, 1 malha fechada sobre a 2ª laçada, 4 malhas soltas, 1 laçada, 2 malhas soltas, 1 malha fechada sobre a 2ª laçada do grupo seguinte. 4 malhas soltas, 1 laçada sobre a 1ª malha; 1 malha sobre a 1ª malha; 1 malha fechada sobre a 2ª laçada seguinte etc. Fazer esta renda em volta da *pèlerine*, salvo na golla.

CAPUZ — O capuz é formado de um rectangulo (fig. 2, que representa o schema do trabalho). Fazer 80 malhas soltas, passar 2 malhas, fazer 1 laçada sobre cada malha sejam 78 laçadas que deverão dar 40 centimetros de largura. Fazer sem cessar as 2ª e 3ª carreiras da *pèlerine*, até attingir uma altura de 26 centimetros.

COMPOSIÇÃO — Dobrar o rectangulo em dois, segundo a linha pontilhada do schema, depois cozer as duas partes juntas (pontos AA) que formarão o alto da cabeça. Prender o lado opposto ao pescoço da capinha, em toda a extensão. O capuz ficará assim formado. Fazer a seguir a renda em volta. Passar uma fita de seda branca ou combinada com a nuance da seda da golla. Passar egualmente uma fita na ultima carreira do capuz e terminal-o por um nó no alto da cabeça. São necessarias 250 grammas de lã para fazer a capinha.

Fig. 1 — Capinha com capuz, para creança.
Fig. 2 — Schema do capuz.
Fig. 3 — Detalhe da renda.
Fig. 4 — Principio do trabalho, maneira de executar uma laçada montada do lado do avesso do trabalho e detalhe dos augmentos.
Fig. 5 — Detalhe do ponto e maneira de fazer 1 laçada montada do lado do direito do trabalho

DE TUDO UM POUCO

MENTIROSO

(Conto de Lowis Browne)

O sol da California tornava faiscantes as letras da placa: John J. Mannering — Advogado —. Uma placa n o v a. evidentemente, attrahindo o olhar dos passantes.

Sabendo que ninguem é propheta na sua terra, Mannering decidiu-se a installar-se em Lumarville, uma cidadezinha industrial. centro mais de accôrdo com as ambições de joven causidico.

Alugou um "bungalow" e um escriptorio.

Certo dia contemplava o advogado as ruas cobertas de poeira, os automoveis que passavam, mercadorias nos caminhões, e a repartição do Correio, tambem com o espirito a vagar lá pelo seu velho rancho, canto onde se creára. Reflictia... Reflictia... Um velho de barbas brancas fez-lhe pensar na futura velhice, na barba de neve, nos cabellos que encanecem á espera de algum cliente... Adiante uma senhora muito joven ainda, pedia a Pike Taylor, pelo que podia suppor, algum endereço. Viu-o apontar o ponto em que estava. Correu á sentar-se a mesa, pondo em movimento os papeis. Bateram á porta. O advogado, um tanto ansioso, respondeu:

— Entre.

A joven entrou:

— E' o Sr. advogado?

— Para servil-a, minha senhora. Queira sentar-se.

— Muito bem, disse ella, sentando-se.

Mannering não p e r c e b e u, de prompto, de que logar era a moça, embora lhe parecesse estrangeira. Bonita, olhos pretos, bellos, ar de viva intelligencia luzindo na physionomia, faces rosadas, sem artificio algum, elegante, parecendo contar apenas 25 annos.

— Em que lhe p o s s o ser util, "miss"...

A joven sorriu.

— Conhece, acaso, Stephen Kavonar?

— Conheço-o, ou melhor, vi o nome delle numa valise...

— Pois escute. Somos vizinhos, as nossas casas ficam juntas: a minha conta 5 acres de terra, a delle 50. Mas a fazenda delle é minha.

— Perdão... Não entendo bem. Queira explicar-me a difficuldade em que se acha.

— E' que o Sr. Stephen Kavonar é mentiroso.

Mennering franziu a s sobrancelhas e replicou:

— Mentiroso? Muito grave, então. Realmente...

— E' pena, sim — accrescentou a moça.

— Como... por que isso... Desculpe-me, esqueci-me de pedir-lhe o nome...

Kavonar appareceu no momento. Mennering uniu-lhes as mãos. Devem casar-se. — ordenou, sorrindo.

— Quer mesmo, Diska?

— Sim, Stephen.

Casaram-se.

Mennering g a n h o u duzentos dollares.

— Sou Diska Jajuso, natural da Yugoslavia. Elle tambem.

— A Sra. é viuva?

— Não. Solteira, ainda solteira.

— E elle? Casado?

— Enviuvou ha cinco annos.

— Então a Sra. deseja que elle a compense de algum prejuizo? Dinheiro?...

— Não.

— Promessa de casamento?

— Sim, quero que se case commigo.

— Srta. deixe-me reflectir sobre o caso.

Ella sorriu como quando entrára, e se foi.

Mennering pensou: Ora, um processo de amor, o meu primeiro caso no Tribunal... um casal da Yugoslavia que fará rir a assistencia...

Foi ter com o gerdame Pike:

— Que me diz a respeito de Stephen Kavonar?

— Excellente creatura. Tem credito grande na cidade e possue a melhor fazenda dos arredores. Honesto, pacifico...

Mennering agradeceu-lhe as informações.

Ao dia seguinte o advogado viu Kavonar perto da estação de embarque. Foi ligeiro até lá e pediu-lhe que o acompanhasse ao escriptorio.

Kavonar falava o inglez melhor que miss Jajuso.

— A's suas ordens, Sr. advogado.

— Conhece miss Diska Jajuso?

— Sim, somos vizinhos.

— Por que não se casa com ella?

— Bem o desejava mas... ella havia de rir-se de mim. Não tenho tenho coragem para propôr-lhe

— Pois está errado: ella quer casar-se com o meu amigo.

— Não é possivel mr. Mennering...

— Olhe, vamos combinar o seguinte: vou á casa de miss Diska e decidirei o casorio.

Kavonar concordou.

Mennering ainda não tinha tomado pé na esquisita embrulhada. A moça falava em "mentiroso"; o rapaz, ao que lhe parecia nunca falára em casar-se com a conterranea.

A joven porém explicou:

— Sim, mentiroso... Temos ao todo, quarenta gallinhas. Elle diz que as delle põem mais ovos que as minhas...

— Por que a srta. quer casar-se com elle?

— Quero casar-me, e, se o conseguir, dar-lhe-ei cem dollares.

TORTA INDEPENDENCIA ARGENTINA

Ingredientes: 250 grammas de manteiga.

300 grammas de assucar refinado.
6 gemmas.
6 claras.
1 chicara e ¼ de caldo de laranja.
1 chicara de cascas de laranja, assucaradas, cortadinhas fino.
700 grammas de farinha.
3 colherzinhas de pó de fermento.
1 kilo de assucar refinado.
1 figo **glacé.**
1 pitada de carmim.
1 dita de azul.

Preparação: Pôr, numa tigela, o assucar moido e a manteiga, bater com uma colher de madeira até que fique reduzido a creme: juntar as gemmas e continuar batendo, o succo de laranja a farinha, emquanto á parte, se batem as claras até a consistencia de suspiro, a conserva de laranja cortadinha, e o pó de fermento; unir tudo muito bem, mexer suavemente e collocar numa fôrma redonda, untada de manteiga. Cozer em forno brando durante uma hora e tres quartos mais ou menos.

Tirar a torta do forno e deixal-a esfriar. Cobril-a com a seguinte composição: seiscentas grammas de assucar fino e um pouco de agua quente, mexer com uma espatula de madeira. Cobrir, alisando bem com uma espatula de metal; deixar seccar, e guarnecer, depois com **glacé** real colorido de azul celeste, o que formará a bandeira argentina. Com uma casca de laranja assucarada, cortada em tirinhas finas, formar um sol nascente, e o figo **glacé**, cortadinho, formará galhinhos de oliveira; uns pontinhos encarnados com um pouco de carmim numa colherada de assucar fino e gottas de clara de ovo.

"Glacé" real — Pôr numa vasilha uma clara de ovo, juntar assucar fino até espessura de massa, bater com uma colher de madeira durante vinte minutos; juntar o azul e bater mais até que a côr fique bem parelha.

VIAGEM

(Oliveira Ribeiro Neto)

Entre as pedras canta uma cascata
num salpicar gelado de crystaes...
Além, surge a montanha côr de prata
cortada de vôos de pardaes.
Campos enormes...

Flores pela estrada.
Um riacho que geme e que rasteja...
Mais adeante arde uma queimada,
ouve-se o coração do fogo que lateja...
Agora, um enredado de cipós
entre arvores retorcidas e bizarras...

A natureza canta pela voz
unisona dum côro de cigarras!
Depois é o rio q u e gorgulha que [palpita
e gargareja numa ancia de morrer...

— E depois de tanta coisa assim bonita,
tive o deslumbramento de te ouvir e [ver!...

SENTENÇAS E AVISOS ESPIRITUAES

(Bernardes)

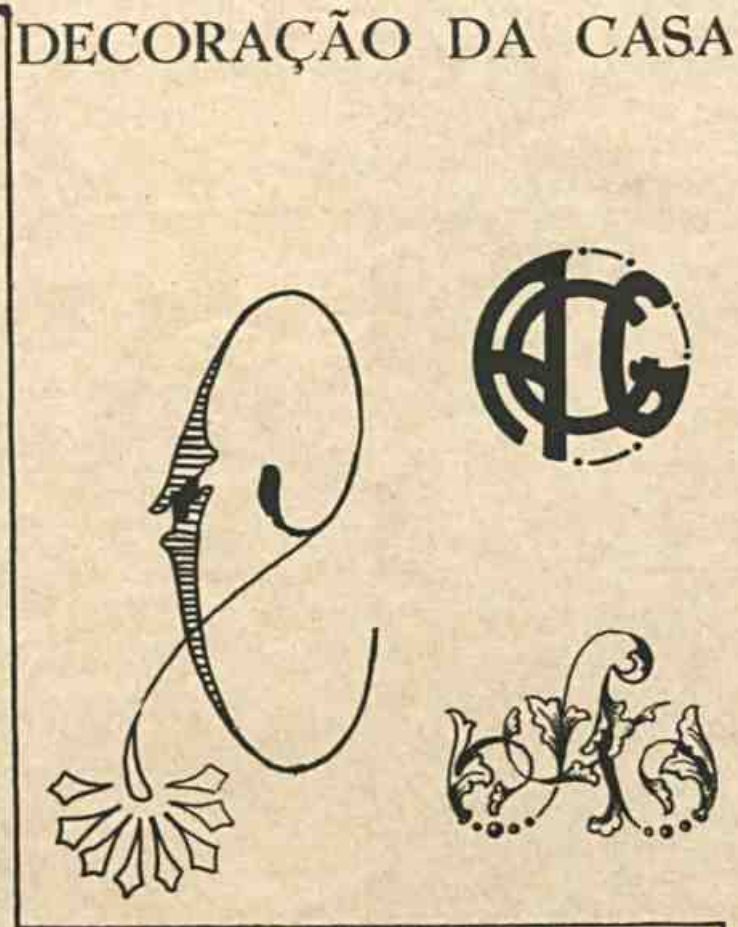
Entre Deus e os homens se atravessa um mar immenso, que são os nossos peccados. Porém ninguem desconfie de chegar a salvamento, porque o Salvador, sobre este mar, fez de outro mar ponte para passarmos: sobre o mar de nossas culpas, ponte do mar de suas penas; sobre a corrente de nossas maldades, caminho pelas correntes de seu sangue. O' Piloto sabio, que do vosso naufragio constituistes a nossa salvação; e na tempestade de poucas horas, a bonança de toda a eternidade!

Ao prodigo e ao avarento falta o mesmo que lhes não falta: porque todos os thesouros da terra e do mar são poucos para tornar, um a lançal-os ao mar, outro a escondel-os na terra.

ENVELOPPES

de setim acolchoados de flanela, destinados aos saccos de agua quente.

DECORAÇÃO DA CASA

Velho armario aproveitado para brinquedos em quarto de gente meuda.

Moveis estofados de tecidos escossez num *hall* de residencia moderna.

Noivas

Vestido de crêpe romano, blusa adornada de franzidos; vestido de "faille", gola pospontada a prata.

De cellophane é esta creação de Worth, tambem para noiva.

Bryère apresenta esta cabeça preparada no genero "religieuse", para casamento. E' talhada em setim branco esculpturado.

Actualidade

Chapéo de "faille", no genero alsaciano

Ouro, diamantes e saphira compõem este adereço de gosto moderno.

CONSELHOS E SUGGESTÕES

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

MANCHAS — *Perguntas*: Costumo tomar banho de sol e a pelle apparecer cheia de sardas, que devo fazer?

Resposta: As sardas são provenientes da acção dos raios solares sobre a melanina, substancia essa que produz a pigmentação. O melhor é evitar que o sol actúe sobre o rosto, cobrindo-o com um panno ou chapéo de abas largas. O sulphato de quinino, como base de pomada, tambem póde evitar que a pelle fique manchada pelo sol.

VITILIGO — *Pergunta*: E' possivel paralysar a marcha da molestia chamada vitiligo ou fazer com que a pelle readquira a côr normal?

Resposta: O tratamento mais moderno consiste em conseguir fixar o pigmento nas placas descoloridas, mediante o poder photo-catalizador que têm os raios ultra-violetas sobre certas substancias que são ingeridas ou injectadas antes da sessão (acridina, azul de methyleno, etc.). Em alguns casos o resultado é optimo.

CRESCIMENTO DAS UNHAS — *Pergunta*: E' difficil obter-se o crescimento rapido das unhas?

Resposta: As unhas crescem mais energicamente e rapidamente, favorecendo a nutrição da matriz da unha, que está situada na base da mesma. Para obter-se esse objectivo é necessario estimular a circulação com banhos quentes e prolongados dos dedos.

Entretanto, é necessario dizer que o crescimento das unhas está presidido por um machanismo complexo que está em relação directa com as funcções de todo o organismo em conjuncto.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões do embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao *Dr. Pires* — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

MARQUEZA DE SANTOS — (Conclusão da pg. 13)

lado de Pedro I não a compensava das torturas que a perseguiam desde a adolescencia e não a abandonavam na edade madura. Acompanhou Thobias nas incertezas da sua aventura politica. Submetteu-se aos azares da fuga precipitada, viu o seu lar invadido e devassado pelos esbirros imperiaes, e não descurou por isso das suas obrigações de mãe e de esposa.

Morto o brigadeiro, isolou-se Domitilla na sua vivenda. Esquivou-se ás exhibições mundanas, e deu em frequentar as egrejas ás quaes fazia dadivas preciosas em peças de culto e em moeda. Foi uma viuvez discreta, honrada, tranquilla. A pouco e pouco esbatiam-se as vozes da torpeza para se erguerem em seu logar as da consideração publica. E ella bem merecia uma quota de affecto, senão pelos seus actos de brasileira em phases criticas da historia do paiz, pelo menos como mulher que muito padecera e pagara com os annos de desconforto e angustia os minutos de alegria que desfructara.

No seu solar de S. Paulo, colheu-a a morte, septuagenaria. A distribuição da sua fortuna, bastante inferior á opulencia a que se referem seus detractores, é um novo depoimento a attestar o quanto ella velava pelo futuro dos de seu sangue, todos com o seu quinhão na partilha da morte.

CARLOS MAUL

COLLEGIO ICARAHY

Dr. Jorge O. de Almeida Abreu

Em nossa edição de 6 do corrente apresentamos em pagina dupla, artisticamente distribuida, a magnifica posição panoramica do Collegio Icarahy, localizado á rua Passo da Patria, 156, na vizinha cidade de Nictheroy e hoje constituindo um dos melhores educandarios de nosso paiz. Para alli accorre neste momento uma legião de moços que procura instruir-se para cumprir os seus destinos, encontrando em forma admiravel todos os elementos necessarios á formação do homem. Quer isto dizer que, ao lado de um corpo docente formado de figuras de escol, ha ainda a imponencia local, servida por dois elementos preponderantes, — o ar puro da montanha e a ventilação constante do mar.

O director do estabelecimento, Dr. Jorge O. de Almeida Abreu, esmerado educador e conhecido publicista, emprega os mais gigantescos esforços no sentido de aprimorar todos os elementos constitutivos da organização pedagogica do Collegio Icarahy. A seu lado encontra-se actualmente o professor Dr. Lyster Perroni, que não mede esforços para secundar brilhantemente a acção do Dr. Jorge Abreu.

Snr. José da Silva Cunha — Rio.

Snr. Antonio Caldeira — Rio.

Snr. Rodolpho Stiehler Minas Geraes.

ntemplados no torneio da 08a. Carta Enigmatica

CAPITAL FEDERAL

Lewis Weldon — Rua Lucidio Lago, 54. *Mlle. De Sevigné* — Fonseca Guimarães, 55. *Edith Pires* — Av. Salvador de Sá, 35. *Suzi* — Rua Uruguayana, 371.

PERNAMBUCO

Solon de Castro — Rua 15 de Novembro, 211 — Olinda.

MINAS GERAES

Antonio C. Mendes — Cidade de Diamantina. *Sombra Rubra* — Rua Bomfim, 288 — Bello Horizonte.

SANTA CATHARINA

Elesbão Mendes — Cidade de Joinville.

GOYAZ

Calixto José Fares — Annapolis.

S. PAULO

K. Tita — Rua Engº. Penido, 804 — Cidade de Cruzeiro.

SOLUÇÃO EXACTA DA 80ª CARTA ENIGMATICA

TROVAS INGENUAS

Fui no campo apanhar flor,
Todo o campo floresceu,
Apanhei a flor roxinha
Porque é triste que nem eu.

Lá vae a garça voando
Com pena que Deus lhe deu,
Contando pena por pena
Mais penas carrego eu.

CORRESPONDENCIA

Vêra C. Marinho — A photographia, infelizmente, não serve. Quer mandar uma tirada agora?

Paulo Botelho Brochado — Muito cheio de borrões; não daria bôa impressão, si publicassemos.

Nelson Oliveira — Recusado, meu amigo, por varios motivos: aquelle symbolo partidario ter sido feito a tinta azul e fugir ás regras usadas, com as horizontaes 3, 18 e 20.

Lourdes Lyrio do Valle — Recebida a solução. Mas, não mandou, junto, a photographia?

CARTA ENIGMATICA

CARTA ENIGMATICA Nº. 83

São condições para concorrer aos nossos torneios semanaes: enviar as soluções á nossa redacção, á Travessa do Ouvidor n. 34, cada uma separadamente em uma folha de papel; fazer acompanhar a solução do *coupon* numerado correspondente, *collando-o* para que se não extravie, e fazendo constar nelle, legivelmente, nome e endereço.

Para o torneio de hoje, dez (10) premios serão sorteados nas condições acima. As soluções, para entrarem no sorteio, deverão estar em nosso poder até o dia 28 de Março, apparecendo a solução e o resultado do sorteio no O MALHO do dia 9 de Abril.

CARTA ENIGMATICA

Coupon n. 83

Nome ou pseudonymo .. ..

.. ..

.. ..

Residencia ... .

.. ..

HELMUT RIO